

**FACULDADE CÁTOLICA DE ANÁPOLIS  
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E  
CLÍNICA**

**LÍVIA SUZIANE SILVA**

**DIFICULDADES DE LEITURA À LUZ DA PSICOPEDAGOGIA**

**ANÁPOLIS**

**2011**

**LÍVIA SUZIANE SILVA**

**DIFICULDADES DE LEITURA À LUZ DA PSICOPEDAGOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica sob a orientação da Professora Especialista Ana Maria Vieira de Souza.

ANÁPOLIS

2011

**LÍVIA SUZIANE SILVA**

**DIFICULDADES DE LEITURA À LUZ DA PSICOPEDAGOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis- GO, 22 de outubro de 2011.

APROVADA EM: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_ NOTA \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora

---

Convidado (a)

---

Convidado (a)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela oportunidade de realizar este curso, aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado, e a todos que contribuíram para realização deste trabalho.

“Acreditamos que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Se a nossa opção é progressiva, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver a nossa opção.

Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos”.

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho descreve o estudo de caso de uma criança com queixa escolar acerca da dificuldade de leitura. Relata, também, a aplicação da avaliação psicopedagógica, técnicas de intervenção utilizadas, a interpretação da avaliação e os resultados obtidos. Pretende-se, com este estudo, compreender como o psicopedagogo pode auxiliar crianças com dificuldades de leitura a buscar novas alternativas para amenizar e tornar o processo de aprendizagem algo prazeroso, tanto para o aprendiz, quanto para o docente. Para tanto, o referido trabalho tem suporte no embasamento teórico de Maria Lucia Weiss, Alicia Fernández, Jorge Visca, Sara Pain, Nádya Bossa, Piaget e outros.

**Palavras-chave:** Avaliação psicopedagógica. Dificuldades de leitura. Docente. Aprendiz. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The present work describes a case study of child complaint at school, on the difficulty of reading. Describes the application of psychoeducational assessment, intervention techniques used, the evaluation and interpretation of the results. I intend this study to understand how the psychoeducator can help children with reading difficulties and to seek new alternatives to soften and make the learning process pleasurable for both the learner and for the teacher. To do so, such work is supported by theoretical background of Maria Lucia Weiss, Alicia Fernández, Jorge Visca, Sara Pain, Nadia Bossa, Piaget and others.

**Keywords:** Psychoeducational Assessment. Difficulties with reading. Teacher to Learner. Learning.

## **LISTA DE SIGLAS**

AEE Atendimento Educacional Especial

EOCA Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem

EFES Entrevista Familiar Exploratória Situacional



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA</b> .....	11
1.1 CAMPO DE ESTÁGIO.....	11
1.2 TÉCNICAS.....	11
1.3 PROCEDIMENTOS.....	12
<b>CAPÍTULO 2 – DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO</b> .....	13
2.1 ANAMNESE.....	13
2.2 EFES (ENTREVISTA FAMILIAR EXPLORATÓRIA SITUACIONAL) .....	14
2.3 EOCA .....	15
2.4 PAREJA EDUCATIVA .....	18
2.5 OS QUATRO MOMENTOS DO MEU DIA .....	18
2.6. DIA DOS MEUS <i>COMPLEÂNIOS</i> (DIA DO MEU ANIVERSÁRIO) .....	20
2.7 VERIFICAÇÃO DA SUPERAÇÃO OU NÃO DO REALISMO NOMINAL .....	23
2.8 OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA .....	25
2.9 AVALIAÇÕES PEDAGÓGICAS: DITADO E ESCRITA.....	26
2.10 AVALIAÇÃO DA LEITURA.....	27
2.11 DIAGNÓSTICO DE LEITURA.....	27
2.12 AVALIAÇÃO DE VERBALIZAÇÃO .....	28
2.13 PROVA DE MATEMÁTICA.....	29
2.14 PROVAS OPERATÓRIAS DE PIAGET – PROVAS DO DIAGNÓSTICO OPERATÓRIO .....	30
2.15 A HORA DO JOGO DIAGNÓSTICA .....	37
<b>CAPÍTULO 3 - RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO</b> .....	41
3.1 INFORME PSICOPEDAGÓGICO - DEVOLUÇÃO.....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>ANEXOS</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende mostrar que o distúrbio de aprendizagem (dificuldades de leitura) pode ser gerado por causas internas ou externas à estrutura familiar e individual.

A psicopedagogia nasce na Europa, mais precisamente na França, em meados do século XIX, onde a Medicina, a Psicologia e a Psicanálise começaram a se preocupar com os problemas de aprendizagem.

Em 1946 foram fundados os primeiros centros psicopedagógicos, que buscavam unir conhecimentos da Psicologia, da Psicanálise e da Pedagogia para tratar comportamentos inadequados de crianças. No Brasil, ela surge por volta dos anos 70, a partir da demanda de crianças com problemas de aprendizagem.

Compreender o processo de aprendizagem representa para o psicopedagogo uma instrumentalização importante para seu trabalho, uma vez que as crianças constroem seu conhecimento de mundo acerca das relações, edificam seu próprio conhecimento com base nos objetos, no espaço e no tempo. Dessa forma, os aprendentes ligam seu conhecimento adquirido no meio social aos adquiridos na escola (aprendizagem assistemática e aprendizagem sistemática).

A Psicopedagogia estuda o sujeito cognoscente composto pelos aspectos orgânico, cognitivo, afetivo, social e pedagógico. O orgânico diz respeito à construção biológica do sujeito; o cognitivo está relacionado ao funcionamento das estruturas cognitivas; o afetivo diz respeito a sua relação com o aprender, com o desejo de aprender, pois o aprendente pode não conseguir estabelecer um vínculo positivo com a aprendizagem; o social indica a relação do sujeito com a família, a sociedade e seu contexto social e cultural.

A intervenção tem como objetivo melhorar a relação do aprendente com o aprendido e com o ensinante, observando como a aprendizagem utiliza-se das funções cognitivas.

Segundo Rubinstein (2003, p. 188) “O que caracteriza a intervenção psicopedagógica dinâmica é em parte distanciar-se de visões pré-concebidas, na medida em que o sujeito da aprendizagem está sendo escutado”.

Este estudo de caso tem como objetivo principal identificar as causas que dificultam a aprendizagem de leitura, através de investigação por meio de entrevista

com a família, com os educadores e de avaliações pedagógicas e psicopedagógicas realizadas com a criança.

Foi realizada a investigação de uma criança de sete anos e 11 meses, que no decorrer do trabalho será chamada de V.S.R. O principal objetivo foi buscar seu histórico familiar, suas atitudes no contexto escolar e as ações docentes, analisando e participando das ações educativas.

O estudo em questão se fez a partir da queixa e do encaminhamento da escola, uma vez que desde os primeiros anos escolares o aprendente não obteve rendimentos satisfatórios, o que gerou a preocupação da escola.

Portanto, este estudo, realizado na cidade de Anápolis, na EMJB, visa alcançar os objetivos propostos por meio de entrevistas, observações, avaliações pedagógicas e psicopedagógicas, diagnosticar os problemas referentes e encaminhá-lo ao tratamento necessário. Weiss (2008) relata que o atendimento psicopedagógico possibilitará a intervenção e o apoio permanente para possíveis mudanças de conduta do aluno-paciente, dentro do respeito a suas características pessoais.

## CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA

### 1.1 CAMPO DE ESTÁGIO

O estudo foi realizado com um aluno da EMJB, localizada na Rua 11 esq. com Avenida das Rosas s/nº Bairro Boa Vista, município de Anápolis.

A referida escola iniciou suas atividades no ano de 2007 em um prédio com oito salas de aula, sendo uma para o Atendimento Educacional Especial (AEE), cantina, depósito, sala de informática, salas de coordenação (técnica e pedagógica), secretaria, diretoria, banheiros (masculino e feminino), área de recreio coberta com mais de 106m<sup>2</sup>.

A unidade escolar conta com 19 professores (turno matutino e vespertino), com Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano. Conta, ainda, com duas coordenadoras pedagógicas que atendem os alunos em seus horários de estudo.

A gestora da escola trabalha para que a instituição cumpra seu papel transformador na sociedade.

Na referida escola trabalham, ainda, secretária geral, cinco auxiliares de serviços gerais e três auxiliares de secretaria que exercem funções administrativas.

O público-alvo da escola é composto por moradores do Bairro Boa Vista, Setor São Carlos, Setor *Bougainville* e Residencial das Rosas.

### 1.2 TÉCNICAS

É um instrumento utilizado pelo psicopedagogo para compreender de que maneira o pensamento do aprendente é construído e como ocorre a busca de respostas para os problemas de aprendizagem.

O diagnóstico poderá confirmar, ou não, as suspeitas do psicopedagogo e identificar problemas de aprendizagem, para indicar um tratamento ou intervenção psicopedagógica ou identificar outros problemas, então poderá encaminhar a um psicólogo, um neurologista, ou outro profissional de acordo com o caso.

De acordo com Weiss (apud Sampaio, 2003 p. 32) “O objetivo do diagnóstico psicopedagógico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no modelo de aprendizagem do sujeito que o impede de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social”.

As técnicas utilizadas para o referido estudo de caso foram: *anamnese*, entrevista com a professora, *pareja educativa*, os quatro momentos da criança, Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), Entrevista Familiar Exploratória Situacional (EFES), avaliações pedagógicas e psicopedagógicas, realismo nominal, prova de leitura com imagem, prova de leitura com imagem e escrita, dia dos meus *compleânios* (dia do meu aniversário), provas operatórias de Piaget, diagnóstico e encaminhamento.

### 1.3 PROCEDIMENTOS

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procura-se compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos (UNIVERSIDADE DO MINHO, 2008).

Foi realizado com V.S.R, um estudo de caso, iniciando com uma pesquisa sobre o histórico familiar e finalizando com a sessão “Hora do Jogo”, onde a criança mostra de que maneira seu pensamento é construído no brincar.

No dia 05/05 foi realizada a *anamnese* e a EFES

No dia 19/05 foi realizado EOCA e desenho livre.

Dia 24/05 verificação da superação ou não do realismo nominal e entrevista com a professora.

Dia 27/05, prova de leitura com imagem e prova de leitura com imagem e escrita.

Dia 31/05, diagnóstico de leitura.

Dia 01/06, Pareja Educativa e desenho de uma pessoa.

Dia 02/06, Os quatro momentos da criança.

Dia 06/06, Dia dos meus *compleânios*.

Dia 07/06, Avaliação do ditado/escrita.

Dia 09/06, Avaliação de verbalização e prova de matemática.

Dia 15/06 a 20/06, Provas Operatórias de Piaget.

Dia 22/06 a 28/06, Hora do Jogo.

Portanto, foram realizadas 17 sessões com o intuito de investigar a queixa da escola.

## CAPÍTULO 2 – DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

Para Jorge Visca o diagnóstico psicopedagógico começa com a consulta inicial (dos pais ou do próprio paciente) e encerra com a devolução (SAMPAIO, 2003).

O diagnóstico trata-se de uma pesquisa a ser realizada para que se possa dar um esclarecimento a uma queixa da família, da escola, do próprio indivíduo e de outro profissional. Dessa maneira será possível fazer um plano de intervenção psicopedagógica e quando necessário encaminhar a outro profissional.

Compreende-se que o diagnóstico apresenta várias nuances para se compreender aspectos emocionais, pedagógicos e sociais que envolvem o meio em que o aprendente vive.

### 2.1 ANAMNESE

A *anamnese* é o momento em que o terapeuta irá conhecer o histórico familiar que cerca o aprendente. É nela que pode-se perceber os anseios da família ou ainda observar de que maneira o ambiente familiar está constituído. Desta forma, será possível levantar dados e conhecer o meio familiar que o aprendente vive.

Para Weiss (2008, p. 63), através da *anamnese* pode-se obter dados para o levantamento de hipóteses sobre a possível etiologia do caso.

No caso apresentado a seguir, foi realizada no dia 05 de maio de 2011 a *anamnese* (Anexo D) com a avó paterna de V.S.R, 7anos e 11meses, aluno da escola MJB.

A avó de V.S. R chegou ao consultório acompanhada pelo neto (solicitada pela escola, pois a mesma encontrava-se preocupada em relação ao baixo desempenho de V.S.R.), sentou-se e relatou que V.S.R é uma criança que ao nascer ficou durante 1mês na encubadora, por nascer prematuro.

Proveniente de uma gravidez não planejada, durante a gestação houve ameaças de aborto.

Segundo o que a escola havia informado é que o pai de V.S.R era usuário de drogas.

A mãe de V.S. R, deixou a criança aos cuidados da avó paterna e do pai assim que ele completou três anos de idade e foi embora por motivos desconhecidos.

Segundo a avó, V.S.R demorou a aprender a falar (ela não soube informar à idade que isso ocorreu), e a primeira palavra dita foi papai.

Percebe-se nessa sessão que a avó de V.S. R, ao falar do contato da criança com a mãe, sempre hesitava. Suas palavras eram poucas e só respondia o que era solicitado.

Portanto, a *anamnese* foi extremamente importante norteando com dados como: o pai usuário de droga, a criança que ao nascer permaneceu por um tempo no neonatal, o que indica em um primeiro momento insegurança, medos e anseios. Outro fator muito importante é o abandono que a criança sofreu por não ter convivido com a mãe. Segundo Jorge Visca a protoaprendizagem abre o caminho para aprendê-lo, sendo este possível através da figura materna e é construído em virtude da interação entre a organização biológica do bebê e da mãe ou de quem cumpre o papel, agente maternante.

## 2.2 EFES

De acordo com Weiss (2008, p. 50):

A EFES, visa a compreensão da queixa nas dimensões da escola e da família, a captação das relações e expectativas familiares centradas na aprendizagem escolar, a expectativa em relação à atuação do terapeuta, a aceitação e o engajamento do paciente e de seus pais no processo diagnóstico, a realização do contrato e do enquadramento e o esclarecimento do que é um diagnóstico psicopedagógico.

Considera-se como um momento de grande importância, pois pode-se observar como são construídos os vínculos familiares.

O momento com a família ocorreu no dia 05/05/2011 e V.S.R estava acompanhado pela avó paterna.

Nessa sessão esclareceu-se o motivo de eu estar presente fazendo este estudo de caso com o aprendente, o trabalho realizado pelo psicopedagogo e o número de sessões que seriam realizadas.

Solicitei aos dois que fizessem o desenho de um momento ou de um dia que a família viveu. Apenas V.S. R desenhou. Sua avó só ficou observando e não quis fazer nenhum desenho e nem relatar nada. (Anexo J)

O aprendente desenhou uma casa e dentro da casa uma mesa, contendo uma bandeja com copos em cima. V.S. R disse que essa casa era do pai dele e moravam na casa o pai, a avó e ele.

Perguntei a ele: Se você fosse pintar essa casa de que cor pintaria?

V.S. R respondeu: Amarela, porque acho bonita essa cor.

Ao fazer o inventário do desenho feito pela criança percebi que a casa representa um lugar onde ninguém entra e ninguém sai (pois a porta da casa está fechada, o que foi simbolizado pela maçaneta da porta). Isso caracteriza que V.S. R é uma criança que viveu ou vive de alguma maneira o abandono, o desenho mostra a situação em que ele se encontra, ou seja, uma criança que sofre e demonstra a falta da mãe, existe um lugar na mesa dessa família que falta a referência materna. Segundo Jorge Visca, a protoaprendizagem representa as primeiras aprendizagens que acontecem nas relações afetivas da criança com sua mãe. O mundo externo da criança se reduz a mãe ou ao adulto que a substitui (VISCA, 1987, p. 75).

Esse nível de aprendizagem é construído em virtude da interação entre a organização biológica do bebê e a mãe ou quem cumpre este papel, vale dizer o agente maternante. Passa para o próximo nível quando termina a conduta puramente motriz e começa a função simbólica, caracterizada pela capacidade de representação de objetos e eventos.

### 2.3 EOCA

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem do aluno (EOCA) consiste simplesmente, em seus aspectos manifestos, em pôr-se em contato com o aprendente (entrevistado) através de uma consigna (instrução).

Para Visca, a EOCA deverá ser um instrumento simples, porém rico em seus resultados. Consiste em solicitar ao sujeito que mostre ao entrevistador o que ele sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que aprendeu a fazer, utilizando-se de materiais dispostos sobre a mesa, após a seguinte observação do entrevistador: “este material é para que você o use se precisar para mostrar-me o que te falei que queria saber de você” (VISCA, 1987, p. 72).



A EOCA é uma entrevista realizada com o objetivo de investigar o que o aprendiz sabe fazer e como se relaciona com o que aprendeu. Na EOCA (Anexo K) feita com V.S.R foram utilizados os seguintes materiais:

- folhas de papel A4
- giz de cera
- tinta guache
- pincéis
- lápis de escrever preto
- borracha
- revista
- cola
- tesoura sem ponta

Com os materiais postos sobre a mesa disse a V.S.R:

- Hoje trouxe vários materiais que você poderá utilizar da maneira que achar melhor, pra me mostrar o que você sabe fazer, o que você aprendeu.

V.S. R mexeu nos objetos da caixa, mas não quis saber de outra coisa, pegou o giz de cera, uma revista e uma folha de papel. Folheou a revista e viu o desenho de um globo. Deixou-a aberta neste desenho. Pegou a folha e o giz de cera e começou a copiar o desenho que estava na revista. Depois de desenhar, começou a copiar o que estava escrito no desenho.

Ao terminar de desenhar, fiz o inventário do desenho, então percebi que o aprendiz apenas copiou porque achou “bonitinho” (como ele mesmo me disse).

Percebi que V.S. R apenas copia, não elabora ou cria, só utilizou a caixa porque eu disse que era pra ser utilizada.

A criança em estudo possui pobreza de contato com o objeto e dificuldade na internalização de imagens. De acordo com Fernández (1991, p. 110), a criança que tem pobreza de contato com o objeto que redundará em esquemas de objeto empobrecidos, *déficit* lúdico e criativo, é caracterizada como hipoassimilação, pois ocorre uma assimilação pobre, o que resulta na pobreza de contato com o objeto, de modo a não transformá-lo, não assimilá-lo de todo, apenas acomodá-lo.

A aprendizagem normal pressupõe que os movimentos de assimilação e acomodação estão em equilíbrio, o que caracteriza a sintomatização no aprender é predomínio de um movimento sobre o outro. Quando há predomínio da assimilação, as dificuldades de aprendizagem são da ordem da não resignação, o que leva o

sujeito a interpretar os objetos de modo subjetivo, não internalizando as características próprias do objeto. Quando a acomodação predomina, o sujeito não empresta sentido subjetivo aos objetos, antes, resigna-se sem criticidade.

O sistema educativo pode produzir sujeito muito acomodativo se a reprodução dos padrões for mais valorizada que o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. Um sujeito que apresente uma sintomatização na modalidade hiperacomodativa/ hipoassimilativa pode não ser visto como tendo problemas de aprendizagem, pois consegue reproduzir os modelos com precisão.

Dentro da atividade proposta o aprendente faz um desenho livre, onde é feito um inventário no qual ele faz alguns relatos.

Para Paín (1996, p. 95) “O inventário exige um momento de espera, antes de se pôr em ação e a capacidade de espera antes de se colocar em ação é a condição para construção de imagens”.

O desenho apresenta através da interpretação, atitudes negativas ou positivas, pois a criança desenha situações ou objetos da fala de V.S.R, por exemplo, da maneira que os interpreta e de acordo com a realidade em que se vive.

Solicitei que o aprendente fizesse um desenho livre.

V.S. R – Vou desenhar o quê?

E – Você vai desenhar o que você quiser.

V. S. R – Ah! Já sei.

V. S. R – Começou a desenhar três pessoas. A primeira pessoa no desenho é o pai. Ele desenhou o pai maior do que os outros dois desenhos. A segunda pessoa é a avó e a terceira pessoa é V. S. R.

O que mais me chamou atenção é que o desenho da figura da avó e de V.S. R eram do mesmo tamanho, apenas o desenho da figura do pai foi maior.

Ao fazer o inventário, descobri que o desenho significa que o pai fala pela criança, pois no terceiro desenho (desenho da figura de V. S. R) a pessoa desenhada não tem boca.

O desenho mostra que, na concepção da criança, sua família é constituída apenas por V.S. R, pelo pai e pela avó. Portanto, a criança em questão projeta através do desenho seus anseios, medos e insegurança o que permite que o outro, ou outros falem por ela.

## 2.4 PAREJA EDUCATIVA

É uma técnica que foi desenvolvida por Jorge Visca na Argentina, que tem como objetivo verificar o vínculo que a criança estabelece com a aprendizagem e analisar seus relatos nos aspectos afetivos, cognitivos e motores.

Solicitei a V.S. R que fizesse um desenho de uma pessoa ensinando e outra pessoa aprendendo (como a própria técnica diz).

V.S. R então desenhou uma bonequinha (professora) de costas para os outros bonequinhos (alunos). Alguns desses “bonequinhos” estão ao lado do outro e outros dois estão afastados (e outro isolado).

O primeiro bonequinho que está longe de todos é V.S.R. O segundo bonequinho se chama Carlos Vinicius (ele não gosta de mim, disse o aprendente). O terceiro bonequinho não lembra o nome dele, só sei que é um menino (disse V.S. R), o quarto menino se chama Caio, o quinto se chama Mateus, o sexto se chama Alan, o sétimo se chama Beatriz, o oitavo se chama César.

Fui à sala de V.S. R para comprovar se essas crianças estudavam com ele e pude perceber que todos os citados são da sua sala. Ao conversar com a professora para saber se essas crianças eram mesmo de sua sala, ela me relatou que ele só lembrou porque este é o segundo ano em que estuda com os mesmos coleguinhas.

Percebi que o aprendente não possui vínculo com a aprendizagem, com a ensinante, e seu desenho mostra que ele se sente isolado em relação à turma. Demonstra estar de posse de estruturas de pensamentos incompatíveis com sua idade, pode ser visto na imaturidade de seus desenhos, dentro de um mundo de conflitos e sofrimentos.

Para Chamat (2004, p.62), a técnica Pareja Educativa apoia-se na premissa de que o acesso a aprendizagem se faz com um jogo de processos conflitantes internos do sujeito em relação ao meio externo.

## 2.5 OS QUATRO MOMENTOS DO MEU DIA

É uma prova que auxilia na investigação dos vínculos que são criados ao longo de uma jornada. Nessa prova, solicitei a V.S. R que fizesse um desenho do que ele faz nos quatro momentos do seu dia, ou seja, ao levantar, ao ir a escola, ao

chegar na escola, ao chegar em casa e após terminar o desenho me falasse sobre cada momento.

No primeiro desenho, desenhou um menino e disse:

- Levanto pra fazer tarefa, escovo os dentes, bebo café e assisto TV.

No segundo desenho, desenhou uma panela e falou que ele almoça antes de ir pra escola. Disse também: - Eu como arroz, feijão, verdura e peixe. Eu gosto dessa comida, gosto de peixe.

No terceiro desenho, desenhou um quadro e disse:

- É pra fazer tarefa. Chego à escola e faço tarefa. Tem parafuso no quadro pra não cair.

No quarto desenho, desenhou um quadrado grande e falou que era uma cama. V.S. R disse: - À noite durmo, e meu pai dorme perto da janela e eu perto da parede. A Cama é azul, porque é desse jeito.

Percebi que V.S. R não possui criatividade nos quatro momentos do dia, ele está só, sente-se inseguro, uma panela não representa uma família, faltam vínculos, o que ele gosta de comer é a maneira de se expressar. A comida arroz e feijão são da mesa de todos, é comum, não há preparo de refeição diferenciada. Aqui, mais uma vez, aparece a falta da mãe cuidadora, implicando mais uma lacuna aberta na vida de V.S.R.

De acordo com Svartman (2000):

Winnicott fala da importância da presença da mãe. Para ele, o fato de haver alguém perto do bebê, disponível, sem fazer exigências, e não porque o bebê precise de algo, permite o estabelecimento de um meio interno favorável.

A presença da mãe é importante no desenvolvimento da criatividade, ou seja, a função de apresentação de objetos da mãe e a necessidade de realização do bebê permitem que ele se desenvolva de forma criativa, desenvolva sua capacidade de brincar, jogar, conhecer e aprender, isto requer uma conexão entre subjetividade e objetividade.

Svartman (2000), diz:

Um aspecto muito original do pensamento de Winnicott é a hipótese de que na identificação simbiótica profunda entre a mãe e o bebê cria-se uma área de ilusão na qual o bebê acredita que o seio da mãe é uma idéia sua [...]

Para Winnicott, a capacidade criativa ingênua, vai sendo modelada pela realidade material [...]

Como V.S. R não teve esse contato com a mãe, baseando nos estudos de Winnicott, pode-se dizer que ele tem uma tensão de necessidade, uma falta. A falta de não ter vivido uma relação simbiótica com a mãe na primeira fase de sua vida. Não foi proporcionado a V.S.R o momento de integração com a mãe, a ele faltou elaborar o *holding* no colo da mãe.

No contato com o seio (objeto) o bebê satisfaz suas necessidades (fome), é reconhecido no seu modo de ser, respeitado no seu ritmo, este contato é que possibilita o uso da imaginação.

A identificação com os pais leva a criança a, quando adulta, procurar fora as suas relações amorosas e sociais, sendo esta procura exógena uma base para um relacionamento saudável. Klein afirma que a identificação proveniente da infância se torna uma parte importante da nossa personalidade, e que a “identificação influencia a formação do caráter da criança e pode conduzi-la a repetir na vida ulterior aquilo que ela própria sofreu” (1975, p. 25)

## 2.6 DIA DOS MEUS COMPLEÂNIOS (DIA DO MEU ANIVERSÁRIO)

É uma prova que permite conhecer a representação do sujeito e uma ocasião de mudança de idade.

Nesta sessão do dia 06/06/2011, solicitei ao aprendente que fizesse um desenho de como foi, ou como ele queria que fosse o dia do seu aniversário.

Ao terminar o desenho, perguntei a V.S. R:

E- O que você desenhou?

V.S. R- um bolo bem grande. No dia do meu aniversário não teve bolo.

Eu queria esse bolo pro meu aniversário. É o bolo do Ben10.

E- Percebi que no desenho seu bolo é colorido.

V.S.R é porque eu gosto dessa cor.

E- e o que são esses desenhos ao redor do bolo?

V.S. R- em cima do bolo tem um papelão cheio de brinquedos. São os que eu queria ganhar. Eu queria ganhar uma motinha, mas meu pai não deixa. Queria que a Patrícia tivesse lá, mas ela não quer me ver.

E- Quem é Patrícia?

V.S. R – minha mãe, eu gosto dela, sinto falta dela, mas ela não quer me ver. Ah! Tem um palhaço em baixo do bolo. É um palhacinho de brinquedo, eu gosto de palhaço. No cantinho tem um avião no bolo, ele ta voando.

E- você gosta de avião?

V.S. R – Unrrum. Sabe no desenho tem uma caixa de presente e nela tem um pula-pula. Essa é minha caixa de presentes, que eu queria ganhar, mas meu pai não tem dinheiro.

Percebi nessa sessão que o aprendente sente necessidade da presença da mãe, sente falta de carinho, alguém que o “mime”. E mesmo com a presença do pai e da avó paterna, ele sente a ausência de carinho materno, de alguém que dê toda atenção a ele. O avião é a projeção de voar, pode ser liberdade ou ir até a mãe.

Quando a adaptação da mãe não é suficientemente boa, no início da vida, os objetos externos não são catexizados (SVARTMAN, 2000), ou seja, a criança que não teve um bom contato com o seio da mãe, não conta com uma aparelhagem, em outras palavras, seria o potencial para atingir a condição de integração, Winnicott chama de criatividade primária. O que pode ser observado no caso de V.S. R, uma criança que a adaptação da mãe não foi suficientemente boa, causando-lhe um bloqueio da criatividade.

Na mesma sessão foi solicitado o desenho da pessoa humana para observar se a criança reconhece as funções do corpo humano.

Para Piaget a criança desenha menos o que vê e mais o que sabe. Ao desenhar ela elabora conceitualmente objetos e eventos. Daí a importância de se estudar o processo de construção do desenho junto ao enunciado verbal que nos é dado pelo indivíduo, o que pode ser chamado de inventário (MARTINS, 2008).

Solicitei a V.S. R que fizesse um desenho de uma pessoa e ao terminar pedi que me falasse quem era, quantos anos tinha, o que fazia.

V.S. R desenhou um boneco e o colori. Ao terminar o desenho, fiz o inventario, então ele me relatou:

- O desenho é uma mulher que mora perto de minha casa, não sei dizer o nome dela e nem quantos anos ela tem. Ela lava roupa, lava vasilha, arruma cama e limpa casa. A expressão “não sei” relatada por V.S.R é da ordem do inconsciente, o desejo de ter a mãe e as tarefas que poderiam ser desenvolvidas por ela. Segundo Jorge Visca existe níveis que dificultam a aprendizagem, o Nível Patogênico – níveis

das estruturas e mecanismos que auxiliam na emergência dos sintomas – subfenômeno. É o nível caracterizado pelos obstáculos da aprendizagem:

- a. Epistêmico
- b. Epistemofílico

Os obstáculos epistêmicos referem-se a duas alterações da estrutura cognitiva: a detenção do desenvolvimento e a lentidão, e é derivado do nível de operatividade do sujeito. Ninguém pode aprender além do que a sua estrutura cognitiva permite.

Obstáculo Epistemofílico: (conhecimento - afeto/amor) – Seu conceito é baseado na teoria freudiana (psicanálise). Consiste em um impedimento ao amor pelo conhecimento, que se pode organizar em três tipos de configurações afetivas: medo e confusão, medo ao ataque e medo à perda.

Medo a confusão: resistência a aprender por temos a indiscriminação do que se sabia e do que se vai adquirir.

Medo ao ataque: medo que os conhecimentos anteriores sejam atacados pelos novos conhecimentos (mecanismo dissociativo). Posição Kleiniana (esquizoparanóide).

Medo de perda: medo de perder aquilo que já conheceu.

- A casa dela é cheia de massa, tem vitrô, tem porta e ela tem um cachorro que se chama Jack (disse V.S. R).

Percebi então que V.S. R mostrou através de seu desenho que ele não conhece as formas e funções do corpo e esse não conhecer vêm do nível de cognição.

Segundo estudos de Piaget a aprendizagem percorre os estágios cognitivos, descrevendo-os em quatro estados, que ele mesmo chama de fases de transição. São elas:

- sensório motor – 0 a 2 anos
- pré – operatório – 2 – 7, 8anos
- operatório concreto – 8 – 11anos
- operatório formal – 8 – 14anos

Sensório – motor – marcado pela construção prática das noções de objeto, espaço, causalidade e tempo. As noções de espaço e tempo são construídas pela ação, configurando uma inteligência essencialmente prática. O contato com o meio é direto e imediato, sem representação ou pensamento.

Pré- operatório – nesta fase surge à capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por uma representação, e esta substituição de acordo com Piaget, é possível graças à função simbólica.

Operatório concreto – a criança é capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade. Apesar de não se limitar mais a uma representação imediata, depende do mundo concreto para abstrair.

Operatório formal – é o momento em que as estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento, é capaz de pensar logicamente, formular hipóteses e buscar soluções, sem depender mais só da observação da sociedade.

Baseado nesses estudos pode-se perceber que V.S. R encontra-se no nível de cognição sensório-motor, o que é incompatível com sua idade, pois deveria, segundo Piaget, estar no nível operatório formal.

Com a efetivação dos desenhos, pode-se observar que V.S. R não possui um esquema corporal completo, pois todas as imagens corporais foram realizadas em forma de círculos, onde não era nítida a diferenciação entre o feminino e o masculino.

A criança que não conhece as funções do corpo não está preparada para aprendizagem, pois além do estreito relacionamento com o meio social, para aprender, a criança também precisa inteirar-se com seu próprio corpo. Antônio Moraes (1997), diz que a criança deve adquirir “esse conhecimento” das funções do corpo durante o período anterior à alfabetização. Assim, pode-se elencar como pré-requisito para a aprendizagem o desenvolvimento e a percepção do esquema corporal, a coordenação motora global, a coordenação motora fina, a lateralidade, a orientação espacial e a orientação temporal. São percepções que a criança apreende antes do período escolar.

Estando desenvolvidos esses conceitos, a criança estará pronta para o processo ensino-aprendizagem, desde que sejam respeitadas as suas fases naturais de desenvolvimento.

## 2.7 VERIFICAÇÃO DA SUPERAÇÃO OU NÃO DO REALISMO NOMINAL



De acordo com Carraher (1981, p.3) “[...] a criança deve ser capaz de focalizar o que está sendo graficamente representado – o significante verbal – para poder entender uma escrita alfabética”.

O realismo nominal é um teste que visa à base cognitiva para aquisição da leitura envolvendo um sistema de escrita alfabético.

As crianças que confundem (não superam o realismo nominal) ou não focalizam o que está sendo representado, apresentam dificuldades na aquisição da leitura.

No caso de V.S. R, durante a realização da verificação da superação ou não do realismo nominal se mostrou fora de sua realidade de 7anos e 11meses. Quando solicitei que me falasse uma palavra grande, ele disse: “A”. Então perguntei por que ele achava que “A” era uma palavra grande, ele disse: - Porque fica maior. Ao perguntar qual palavra era menor, trem ou telefone, ele respondeu: - Trem, porque o trem anda.

Percebi então, que o aprendente em estudo não supera o realismo nominal, pois não relaciona (compreende) a leitura com o simbólico.

Estudos realizados por Emília Ferreiro e Ana Teberosky no fim dos anos 1970, mostraram que as crianças constroem diferentes ideias sobre a escrita.

Mostrou também em suas publicações que a criança que aprende, percorre o seguinte caminho:

- nível 1 – hipótese pré-silábica
- nível 2 – intermediário I
- nível 3 – hipótese silábica
- nível 4 – hipótese silábico – alfabética ou intermediário II
- nível 5 – hipótese alfabética

No nível um, a criança não estabelece vínculos entre fala e escrita, demonstra intenção de escrever através de traçado linear com formas diferentes, usa letras do próprio nome ou letras e números na mesma palavra, caracteriza uma palavra como letra inicial, tem leitura global, individual e instável do que escreve: só ela sabe o que quis escrever. Supõe que a escrita é outra forma de desenhar ou representar coisas e usam desenhos, garatujas e rabiscos para escrever.

No nível dois, a criança não atribui valor sonoro a letra. Para cada fonema, usa uma letra para representá-lo. Pode usar muitas letras para escrever e

ao ler aponta uma letra para cada fonema. Ao escrever uma frase, pode usar uma letra para representar cada palavra.

No nível três, a criança já supõe que a escrita representa a fala, tenta fonetizar a escrita e dar valor sonoro as letras. Em frases, pode escrever uma letra para cada palavra.

No nível quatro, a criança inicia a superação da hipótese silábica, compreende que a escrita representa o som da fala, passa a fazer uma leitura termo a termo (não global), consegue combinar vogais e consoantes numa mesma palavra.

No nível cinco, a criança compreende que a escrita tem função social, compreende o modo de construção do código da escrita, omite letras quando misturam as hipóteses alfabéticas e silábicas, não tem problemas de escrita no que se refere a conceito.

Baseado nos estudos de Ferreiro e Teberosky, o aprendente encontra-se no nível de leitura um – hipótese pré-silábica, pois não estabelece vínculos entre fala e escrita.

## 2.8 OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

De acordo com Bossa (2011), na maioria dos casos, o professor é o primeiro a identificar que a criança está com alguma dificuldade, mas a família deve ficar atenta ao desenvolvimento e ao comportamento da criança.

Portanto, a observação em sala de aula é um ponto crucial para um bom diagnóstico psicopedagógico, pois possibilita verificar como se procede a aprendizagem.

Foi realizada a entrevista com a professora de V.S. R, a fim de conhecer a maneira como ensinante e aprendente se relacionam acerca do aprendido.

A professora disse que V.S. R é uma criança muito frágil, distrai-se com qualquer estímulo externo, possui dificuldades nas atividades motoras, inclusive ele tinha acabado de aprender a pular corda (no dia da entrevista).

Segundo a ensinante, V.S. R possui o social bem desenvolvido, porém em relação ao cognitivo, já não se podia dizer o mesmo. Ela disse também que o aprendente possui problemas para memorizar algo. Às vezes ao acabar de ensinar algo, ela fazia perguntas a respeito do que ensinou a V.S.R, ele só respondia

corretamente se essas perguntas fossem feitas no mesmo dia. Se a pergunta fosse feita no outro dia (outra aula), ele não sabia responder.

Ela ressaltou que V.S. R é uma criança obediente, gosta da escola, gosta dela, e quando é solicitado a obedecer as ordens, ele obedece. Possui uma boa auto-estima.

A criança em estudo, não sabe ler, nem escrever, tem dificuldades para memorizar.

A escola o encaminhou ao CEMAD, porém o pai recusou-se a levar a criança, alegando que não tinha tempo e nem quem levasse.

Percebe-se que a professora tem grande preocupação com a aprendizagem de V.S. R, dispondo-se a contribuir para que seja solucionado este problema, o que facilita no trabalho do psicopedagogo.

## 2.9 AVALIAÇÕES PEDAGÓGICAS: DITADO E ESCRITA

Segundo Oliveira (2004, p. 27) “O ato de escrever, do ponto de vista psicomotor, implica o domínio do traçado, a postura ao sentar, o tamanho das letras, a pressão do lápis, o respeito à direção gráfica, entre outros fatores”.

Nessa sessão, solicitei a V.S. R que escrevesse as palavras que eu ditasse pra ele. Ao todo foram ditadas seis palavras.

A primeira palavra foi formiga, V.S. R escreveu: AREPENORTCO. A segunda palavra foi cavalo, V.S. R escreveu: CAORCOI. A quinta palavra ditada foi vaca, V.S. R escreveu: CAHCALCALCHI. A última palavra foi bode, V.S.R escreveu: CORNOHI.

Percebi que o aprendente escreve de baixo para cima, da esquerda para direita, porém não reconhece letras, não sabe juntar sílabas para formar palavras, não possui orientação espacial e temporal, tem dificuldade em memorização visual.

De acordo com Oliveira (2004, p. 27) “A dificuldade em memorização visual pode fazer com que o aluno se “esqueça” ou confunda os significados dos símbolos representados pelas letras”.

A criança em estudo (V.S. R) não memoriza bem (de acordo com dados levantados na entrevista com a professora), o que pode também ser observado nas sessões, esse é um dos motivos de não conseguir escrever as palavras que foram ditadas a ele.

## 2.10 AVALIAÇÃO DA LEITURA

Nesta sessão foram realizadas: prova de leitura com imagem e prova de leitura com imagem e escrita.

Estudos de Ferreiro mostram que nenhuma criança chega à escola ignorando a língua escrita. Elas aprendem porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhes oferece. Para aprender a ler e escrever é necessário apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido.

V.S.R mostrou-se interessado ao ver o livro contendo apenas imagens. Pedi ao aprendente que lesse para mim a historinha do livro. Então, ele começou a ler e sempre que iniciava uma página, falava a frase: “Era uma vez”.

Ao terminar mostrei a ele o livro que continha imagens e escrita, então V.S. R começou a ver o livro, porém não conseguiu ler nada do que estava escrito, apenas inventando o que lia.

Portanto, ficou claro que nessa sessão apenas o aprendente entende o que lê, ou seja, não tem leitura convencional. V.S.R não tem sequencia na leitura, suas historinhas não tem início, meio e fim, seu tom de voz é baixo ao ler, caracterizando como uma criança tímida.

Emilia Ferreiro fala que a criança elabora uma série de hipóteses trabalhadas através de princípios organizadores que são resultados de vivências externas e de um processo interno.

## 2.11 DIAGNÓSTICO DE LEITURA

Segundo Oliveira (2004, p. 29) “A leitura exige, portanto, uma percepção temporal e um simbolismo. Uma pessoa lê quando têm condições de compreender o que leu. Se ela simplesmente decodificar os sinais não estará lendo”.

No diagnóstico de leitura foram utilizados campos da mesma semântica.

Na sessão realizada com V.S. R utilizei as cores, pois ele havia me dito em sessões anteriores que gosta muito de lápis de cor.

A sessão procedeu-se da seguinte maneira:

E – Olá V. como você vai, tudo bem?

V.S. R – Sim, estou bem.

E- Você já observou um arco-íris?

V.S. R – Só nos desenhos. Ele tem um monte de cores legais.

E – Sim, muito bem! Você já viu a cor vermelha?

V.S. R – Já sim.

E- E você consegue escrever a palavra VERMELHA?

V.S. R – Acho que sim.

V.S. R então começou a escrever. E sua escrita foi: HCOLIS.

E – Pedi a V.S. R que lesse o que escreveu, então ele leu: VERMELHA.

E – Você me disse que gosta da cor laranja, então você consegue escrever LARANJA?

V.S. R – Unrrum.

V.S. R então escreveu: MUNICIPAL. E leu: LARANJA.

E – E verde você consegue escrever?

V.S. R – Unrrum, eu sei a cor que pinta as graminhas.

V.S. R então escreveu: LCAREH. Então solicitei a ele que lesse, ele leu: VERDE.

E – Agora vamos escrever a cor anil.

V.S. R – Tá bom.

V.S. R escreveu: NUNERCORIH e leu: ANIL.

Percebi que V.S. R não reconhece letras do alfabeto, apenas copia, e quando lê somente ele compreende o que leu.

Estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky revelam que a criança busca a aprendizagem na medida em que se constrói o raciocínio lógico e o processo evolutivo de aprender a ler e escrever passa por níveis de conceitualização que mostram as hipóteses que a criança chegou.

Baseado nestes estudos, conhecido como Psicogênese da Língua Escrita, percebe-se que o aprendente V.S. R encontra-se no nível um – hipótese pré-silábica, que é caracterizado por não saber ler, apenas a criança sabe o que escreve e não estabelece vínculo entre fala e escrita.

## 2.12 AVALIAÇÃO DE VERBALIZAÇÃO

A criança deve ser capaz de comunicar-se com os outros verbalmente, de forma clara e sem problemas de articulação. Leitura e escrita são as formas de

comunicação e expressão entre pessoas. Anterior a elas, situa-se a linguagem (OLIVEIRA, 2004, p. 32).

Na avaliação de verbalização, solicitei a V.S. R que me dissesse sobre sua escola, o que achava dela, o que mais agradava no ambiente escolar, com quem brincava quem era seu melhor amigo, o nome de sua professora, que série ele estava cursando, o que fazia durante a aula. Perguntei também sobre o dia e o mês da semana em que estávamos, então, V.S. R respondeu:

- Eu acho que a escola é pra estudar, gosto da comida da escola. Brinco com meus coleguinhas, mas não lembro o nome deles.

- O Carlos Vinicius é meu melhor amigo. O nome da minha professora é Tia Fabiana Moreno. Só não lembro o ano que estou.

- Na escola eu estudo e brinco, depois acaba o recreio. Eu gosto do recreio, por que eu brinco de pique-parede, jogo basquete. Foi meu pai que me ensinou jogar basquete. Ele me ensinou também a andar de bicicleta.

- Eu gosto também de dançar quadrilha, mas a Tia não deixa porque faço a tarefa com a letra pequenininha.

Ao responder sobre o dia e o mês em que estávamos V.S. R disse:

- Janeiro, dia de abril no mês dois.

Percebi nesta sessão que o fato de V.S. R não lembrar o ano que estuda, aparece o desejo de não querer estudar, ele se reporta para as poucas coisas de seu interesse.

Para Sara Paín, a aprendizagem é resultado da articulação de fatores internos e externos do próprio sujeito, do organismo (substrato biológico), do desejo de aprender, das estruturas cognitivas e do comportamento em geral.

## 2.13 PROVA DE MATEMÁTICA

Segundo Oliveira (2004, p.30) “O objetivo é avaliar o desempenho matemático da criança segundo alguns pré-requisitos instrumentais específicos da psicomotricidade [...]”, assim, essa prova nos atenta a observar se a criança não compreende o enunciado por ter dificuldades de leitura, observar a noção de número, correspondência termo a termo, código numérico, entre outros.

Na prova de matemática realizada com V.S. R, o aprendente por não saber ler, não soube responder os probleminhas propostos para a série em que ele

se encontra. Apenas compreendeu uma questão por conter figuras, mas mesmo assim não conseguiu responder de maneira correta.

Nesta sessão também pude perceber que V.S. R não tem noção de número, não conhecendo a sucessão dos números após o número dez, não soube armar operações matemáticas.

Oliveira (2004, p.30), nos diz que:

Muitas crianças não conseguem apresentar o resultado esperado na aritmética porque não conseguem ler ou entender o que lêem, ou mais do que isso, podem saber ler e ainda assim não apresentar o raciocínio lógico matemático necessário.

## 2.14 PROVAS OPERATÓRIAS DE PIAGET – PROVAS DO DIAGNÓSTICO OPERATÓRIO

Segundo Weiss (2008, p. 105-107):

[...] Dentro de uma visão piagetiana, o conhecimento se constrói pela interação entre o sujeito e o meio, de modo que, do ponto de vista do sujeito, ele não pode aprender algo que esteja acima de seu nível de competência cognitiva [...] As provas Operatórias tem como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança.

O que Weiss diz é que essas provas avaliam a interação que o aprendente tem com o meio, ou seja, elas mostram o nível cognitivo alcançado pela criança ao realizar cada prova.

Foram realizadas as seguintes provas com o aprendente V.S. R:

1. Prova nº 2 – Conservação das quantidades de líquido – Transvasamento
2. Prova nº 4 – Conservação do comprimento
3. Prova nº 7 – Mudança de critério – Dicotomia
4. Prova nº 8 – Quantificação da inclusão de classes
5. Prova nº 9 – Intersecção de classes

### **1. Conservação das quantidades de líquidos (Transvasamento) – prova nº 2**

De acordo com Weiss (2008, p.165), a prova procede da seguinte maneira:

**Material** – dois vidros iguais (controle A e A1) de diâmetro de aproximadamente 5 cm e altura de 8 cm; um vidro mais estreito e mais alto (vidro E), um vidro mais largo e mais baixo (vidro L), quatro vidrinhos iguais correspondentes a  $\frac{1}{4}$  do volume de A e uma garrafa com água colorida.

**Desenvolvimento:**

1. O examinador (E) faz a criança constatar que os dois recipientes são iguais. Pede à criança que despeje água em A1 na mesma quantidade que está em A;
2. Pergunta-se a criança (com os vidrinhos A e E) qual dos dois tem mais água ou se tem a mesma quantidade e pede-se uma explicação do porque da constatação obtida pela criança;
3. Procede da mesma maneira com os outros vidrinhos.

**Transvasamento com o aprendente V.S. R:**

(E) Olá V.S. R, hoje vamos fazer uma prova com esses vidrinhos.

V.S. R – Eba!

(E) Aqui temos dois vidrinhos (A e A1). Se você beber o que está em A1 e eu o que está em A (nesse aqui), será que vamos beber a mesma coisa? Temos o mesmo para beber?

V.S. R – O mesmo tanto. Eles são do mesmo tamanho. Ah! Mas não sei, acho que fiquei com mais.

**1º transvasamento**

Despeja-se a água de A no vidrinho E (estreito e alto).

(E) Será que agora vamos beber a mesma quantidade? Um tem mais do que o outro? Como é que você sabe? Pode me mostrar?

V.S. R – O vidrinho E tem mais água (apontou para o vidrinho E). Porque este aqui ficou cheio. Eu fiquei com mais.

(E) Aqui no vidrinho E está mais alto... Uma criança me disse que tinha mais água nele porque ele é mais alto, o que você acha?

V.S. R – Nesse aqui tem mais água porque ele está cheio (falou e apontou para o vidrinho E).

**2º transvasamento**



Despeja-se água de A em L

(E) E agora qual dos dois vidrinhos tem mais água? Como é que você sabe?

V.S. R apontando para o vidrinho L, disse: - Este aqui ó, ele está mais cheio.

(E) Agora me mostre qual o vidrinho mais largo.

V.S. R apontou para o vidrinho L.

Procedi da mesma maneira com os outros vidrinhos e suas respostas a prova eram da mesma maneira. Às vezes ele respondia e quando era solicitado que ele explicasse o porquê de sua resposta, V.S. R não sabia ou dava justificativas incompletas.

Nesta prova pude perceber que o aprendente em estudo, de acordo com Weiss (2008, p. 166), encontra-se no nível 2 – condutas intermediárias- com julgamento oscilando entre conservação e não conservação, pois suas justificativas são pouco claras e incompletas.

## **2. Conservação do comprimento – prova nº 4**

**Material** – Dois fios flexíveis (barbantes, lãs, correntinhas etc.) de comprimentos diferentes (cerca de 10 e 15 cm). (WEISS, 2008 p. 168)

### **Desenvolvimento:**

A criança é levada a constatar e a afirmar desigualdade dos fios A (15 cm) e B (10 cm) e fazer o julgamento de que A é maior que B. O examinador (E) pode brincar dizendo que são duas estradas.

### **Conservação do comprimento com V.S. R**

(E) Aqui temos duas estradas, estrada A e estrada B. Nesta estrada (A) a gente tem que andar a mesma coisa que nesta (B) ou tem que andar mais aqui (A) ou ali (B)?

V.S. R – Na estrada A tem que andar mais (apontou para estrada A).

(E) Este caminho A é do mesmo comprimento do que este (B), ele é mais comprido ou menos comprido que este (B)?

V.S. R – A estrada B é menor que a estrada A

(E) Deformei o fio maior (A) até que as extremidades coincidissem com as do fio B, e perguntei: - se há duas formiguinhas, uma em cada estrada, será que as duas vão andar a mesma coisa, o comprimento da estrada será o mesmo?

V.S. R – Na estrada B, a não é na estrada A, a formiguinha anda mais. O comprimento é diferente porque essa aqui é mais baixa (apontou para estrada B).

(E) Fiz curvas no fio A, de modo que ficasse uma diferença entre uma das extremidades dos dois fios (B), e fiz a mesma pergunta: - e agora qual das duas estradas é maior?

V.S. R – A estrada A é maior (essa aqui ó)

Baseada nos procedimentos desta prova e nos estudos de Weiss (2008, p. 169) a criança encontra-se em condutas intermediárias – nível 2- onde o julgamento é correto na primeira transformação, correto na segunda, porém as respostas são instáveis sendo modificadas com a contra-argumentação, ou seja, o aprendente não faz justificativas adequadas a respostas conservativas.

### 3. Mudança de critério (Dicotomia) – prova nº 7

**Material:** fichas de figuras geométricas recortadas em papelão colorido ou fichas de plástico do tipo feito para jogo: seis círculos de diâmetro de 25 mm (pequenos) vermelhos e seis azuis; seis círculos de diâmetro de 50 mm (grandes) vermelhos e seis azuis; seis quadrados de 25 mm de lado (pequenos) vermelhos e seis azuis; seis quadrados de 50 mm de lado (grandes) vermelhos e seis azuis; um papelão (tampa de caixa) dividido em duas partes ou duas caixas baixas iguais. (WEISS, 2008 p. 172).

#### **Desenvolvimento:**

O examinador (E) coloca as fichas em desordem sobre a mesa e pede que a criança as descreva.

Dicotomia com V.S. R

(E) O que você está vendo?

V.S. R – É um quadro e uma bola, disse o aprendente.

(E) Bom! Agora reúnam em grupos todas estas fichas para que possa formar grupos de iguais.

V.S. R – Separou os círculos dos quadrados. Fez um monte de círculo de um lado e os quadrados de outro.

(E) Como você pensou para organizar desse jeito?

V.S. R – Separei esse aqui que é uma bola, desse aqui que é um quadro.

(E) Agora faça dois grupos usando todas as fichas.

V.S. R – Separou as fichas vermelhas das fichas azuis.

(E) Apontando para o primeiro grupo disse: Como você pensou para organizar desse jeito?

V.S. R – Coloquei aí pra fechar.

(E) Apontando para o segundo grupo: como você pensou para organizar este?

V.S. R – Coloquei pra fechar também.

(E) Primeiro grupo: como poderia chamar este grupo?

V.S. R – grupo A.

(E) Segundo grupo: E este outro grupo como poderia chamar?

V.S. R – Grupo O

### **1ª mudança de critério**

(E) Faça dois montes de outro jeito

V.S. R – Separou os círculos de um lado e os quadrados de outro (ao ser questionado para mudar o critério, V.S. R não conseguiu fazer).

(E) Como você pensou para organizar desse jeito?

V.S. R – Não sei responder.

(E) Como poderia chamar este grupo (aponte para os círculos)?

V.S. R – Grupo E

(E) E este outro (aponte para os quadrados)?

V.S. R – grupo A

### **2ª mudança de critério**

(E) Faça dois montes de novo de outro jeito (se fizer do mesmo jeito que os anteriores, explique porque e mude o critério).

V.S. R – Separou quadrados azuis dos vermelhos.

(E) Como você pensou para organizar desse jeito?

V.S. R – Pensei porque parece uma porta.

(E) Como poderia chamar este grupo?

V.S. R – grupo A (apontou para o quadrado).

(E) E este outro grupo como poderia chamar?

V.S. R – grupo C (apontou para o círculo).

Nesta sessão pude perceber que o aprendente, segundo Weiss (2008, p. 173), encontra-se no nível 2 – início de classificação, caracterizando que neste nível as crianças conseguem fazer pequenos grupos não-figurais, segundo diferentes critérios, mas são coleções justapostas, sem ligação entre si: “É o monte das bolas vermelhas grandes”, “das bolas pequenas vermelhas”, “quadrinhos vermelhos”, etc.

#### **4. Quantificação da inclusão de classes – prova nº 8**

**Material:** um ramo com dez margaridas e duas ou três rosas.

**Desenvolvimento:** o examinador (E) verifica se a criança conhece o nome das flores e se conhece o termo genérico “flores” (WEISS, 2008 p. 174).

#### **Quantificação da inclusão de classes com V.S. R**

(E) Hoje trouxe esse material para que você faça uma prova para mim.

V.S. R – Tá bom!

(E) Solicitei que reconhecesse as flores e as nomeasse

V.S. R – São flores. Não sei nomear, porque são flores.

(E) Rosas são flores?

V.S. R – Sim, essas aqui são flores (apontou para as rosas).

(E) Você conhece outras flores? Quais?

V.S. R – Unrrum, não sei dizer.

(E) Neste ramo há mais margaridas ou mais flores? Como você sabe?

V.S. R – Tem mais margaridas. Porque tem.

(E) Vamos imaginar que existem duas crianças que querem fazer ramos. Uma fez um ramo com margaridas e a outra faz um ramo com flores. Qual o ramo que tem mais flores?

V.S. R – As rosas, porque eles ficaram crescendo.

(E) se eu te der as margaridas, o que sobra no meu ramo?

V.S. R – Sobrou as margaridas.

(E) Eu vou fazer um ramo com todas as margaridas e você vai fazer um ramo com todas as flores. Quem terá o ramo maior? Como você sabe?

V.S. R – você ficou com mais. Porque você ficou com essa e eu fiquei só com essa.

De acordo com Weiss (2008, p. 174-175), nesta prova, o aprendente encontra-se no nível 2 – condutas intermediárias, pois ao responder o que era solicitado, V.S. R sempre hesitava.

### **5. Intersecção de classes – prova nº 9**

**Material:** três espécies de fichas do mesmo material e tamanho, sendo: cinco redondas vermelhas, cinco redondas amarelas e cinco quadradas amarelas; uma folha de papelão com dois círculos desenhados, um preto e outro azul que se inter cruzam delimitando três partes, das quais uma é comum aos dois círculos (WEISS, 2008 p.175).

#### **Desenvolvimento:**

O examinador (E) dispõe as fichas nos círculos em intersecção, sendo as redondas vermelhas e as quadradas amarelas nas partes exteriores e as redondas amarelas nas partes comuns. Pede que a criança observe a disposição descreve as fichas e pergunta: “Por que você acha que eu pus as redondas amarelas no meio?” (WEISS, 2008 p. 175)

#### **Intersecção de classes com V.S. R**

(E) Solicitei que reconhecesse o material, nomeasse e caracterizasse.

V.S. R – Um é quadrado e o outro é bola.

(E) Por que você acha que colocamos estas fichas aqui no meio?

V.S. R – Porque parece uma cisterna

(E) Existem aqui mais fichas quadradas ou fichas redondas, ou um número igual de fichas?

V.S. R – Tem mais bola vermelha.

(E) Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas quadradas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me

V.S. R – Tem mais ficha quadrada. Porque tem.

(E) Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas redondas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me

V.S. R – Tem mais ficha azul. Porque tem

Segundo Weiss (2008, p. 176), o aprendente V.S. R encontra-se no nível 2, ou seja, a criança faz acertos nas perguntas suplementares, mas hesita nas respostas de inclusão e intersecção, faz repetições e pode dar algumas respostas corretas.

As provas aplicadas com o aprendente V.S. R foram feitas em função do problema apresentado por ele e da ordem de aquisição de suas noções. Se obtivesse êxito, continuaria com as provas: conservação de superfície, peso e assim por diante. Parei quando percebi que as respostas da criança eram respostas de transição – nível 2. (WEISS, 2008 p. 109).

O aprendente V.S. R alcançou nas provas operatórias o nível dois ou intermediário, pois suas respostas ou condutas expressaram vacilação e instabilidade ou eram incompletas, ou seja, num primeiro momento dava resposta conservante e no momento seguinte outra não conservante, ou ainda com o argumento oposto ao que falou em primeiro lugar (WEISS, 2008, p. 111).

## 2.15 A HORA DO JOGO DIAGNÓSTICA

Constitui-se em uma técnica desenvolvida por Sara Pain (1985), tratando de uma atividade lúdica, que inclui três aspectos da função semiótica (função responsável pela internalização de significantes e significados): o jogo, a imitação e a linguagem (CHAMAT, 2004 p. 56)

Se o aprendente for capaz de utilizar esta função, pode aprender, pois utiliza códigos, símbolos e signos, que fazem parte do conhecimento.

Segundo Chamat (apud FERNÁNDEZ, p. 56) “o saber constrói fazendo próprio, o conhecimento do outro, e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro é possível através do jogo [...] Aí encontramos uma das intersecções entre o aprender e o jogar”.

O que Fernández disse é que na hora do jogo a criança mostra de que maneira seu conhecimento se processa.

Neste sentido, cada Hora do Jogo Diagnóstica é uma experiência nova que deve ser realizada num espaço transicional, um espaço de confiança, de criatividade, o mesmo espaço que se precisa para aprender.

No caso de V.S. R, proporcionei condições para que ele brincasse de forma mais espontânea possível.

Desenvolvi a seguinte consigna:

(E) Dentro da caixa tem vários materiais (brinquedos), onde você pode brincar como quiser. Enquanto você vai brincando, eu vou anotando o que você está fazendo.

Ao analisá-lo, considerei alguns indicadores mais importantes para o diagnóstico: a escolha dos brinquedos, modalidade das brincadeiras, criatividade e adequação a realidade.

Na caixa lúdica, escolhi brinquedos que faziam parte da vivência de V.S. R e os que ele mais gostava (como foi dito por ele numa sessão), tais como: bonequinhos de desmontar, bebezinho, dois carrinhos, uma motinha, um aviãozinho (também de desmontar), soldadinhos, um dinossauro, bonequinhos e um robozinho.

Havia, ainda, outros brinquedos que correspondiam ao estágio de desenvolvimento cognitivo em que V.S. R poderia se encontrar. São eles: bloquinhos para montar, dois fantoches (um menino e uma menina), letras do alfabeto em E.V.A lápis de escrever, borracha, lápis de cor, giz de cera, tinta-guache, tesoura sem ponta, cola, cola colorida, folhas brancas e coloridas e massa de modelar. V.S. R mostrou-se motivado ao ver a caixa, foi logo abrindo a caixa e tirou todos os brinquedos.

Na escolha dos brinquedos, ele mostrou-se indeciso, pegava o brinquedo desenvolvia uma atividade com este, mas logo largava e pegava outro.

Na modalidade das brincadeiras, V.S. R não possui sequência no brincar. Inicialmente ele pegou o dinossauro descobriu como funcionava o brinquedo abrindo a boca do dinossauro.

Logo após, pegou o robozinho e brincou um pouco com ele. Em seguida deixou o de lado e pegou a motinha e o carrinho, brincou com os dois dizendo que estava passeando na rua. Depois pegou o aviãozinho e os bloquinhos para montar. Desmontou o aviãozinho e o montou novamente de maneira correta, em seguida, pegou os bloquinhos e montou uma escadinha e disse que era a escada de sua casa. E por último pegou as bonequinhos de desmontar, desmontou-as e montou novamente, porém montou-as com os braços trocados, o direito no esquerdo e o esquerdo no direito.

Quanto à motricidade, observei que V.S. R deslocou-se muito, às vezes ficava sentado e outras vezes em pé, apresentou dificuldades ao montar os

bonequinhos (pois elas representavam o corpo humano), mostrando não reconhecer as funções do corpo humano.

V.S. R demonstrou pouca criatividade, notei também que ele pegava os brinquedos, mas não os explorava ressaltando sua não sequência no brincar.

Na sua capacidade simbólica V.S. R se expressa com muita dificuldade, pois quase não falava. Mas o que me chamou atenção foi o brincar com a motinha, ele dizia que estava andando de moto com seu tio e repetia o som: Brumbrumbrum, ao mesmo tempo falava que queria uma moto, mas seu pai não deixava ter uma (fala de V.S. R).

Durante toda Hora do Jogo, desempenhei um papel passivo, mas V.S. R sempre solicitava minha participação, o que exerci sem interferir em suas brincadeiras, pois meu objetivo maior era compreendê-lo quando necessário.

### **Aplicação de A Hora Do Jogo**

Caso V.S. R - Trata-se de um caso de um garoto de 7anos e 11 meses de idade, com a queixa familiar de ser desorganizado (queixa da avó) e queixa escolar de dificuldades de memorizar, comprometimento social, motor e cognitivo e dificuldades de leitura.

V.S. R - Chegou à sala e disse:

V.S. R – Eba, parece que hoje nós vamos fazer uma coisa diferente.

E- Sim! Vamos brincar

V.S. R – Eba!

E- Vou explicar a você o que vamos fazer hoje. Aquela caixa contém vários materiais e hoje nós vamos utilizá-la da maneira que você quiser. Pode brincar com tudo o que há na caixa, e eu vou ficar aqui lhe observando está bem?

V.S. R – Está bem!

V.S. R – Aproximou da caixa, abriu, olhou dentro e tirou o dinossauro o robozinho, a motinha, o carrinho, o aviãozinho, os bonequinhos e os bloquinhos para montar.

V.S. R – Sabia que eu gosto de motinha?

E – Mesmo? E você já andou de moto?

V.S. R – Sim, eu andei com meu tio, mas meu pai não deixa eu comprar uma pra mim.



E – É? Por quê?

V.S. R – Porque meu pai disse que não tem dinheiro. Logo em seguida, ficava repetindo o som: Brumbrumbrum, às vezes brincava sentado e outras vezes em pé.

Enquanto tirava os objetos da caixa, ia agrupando desorganizadamente.

V.S. R – Pegou os bloquinhos pra montar e começou a fazer um barracão (segundo ele).

E – E de quem é esse barracão?

V.S. R – É meu. Mora eu, meu pai e minha avó.

E- Que legal! E você gosta de morar nesse barracão?

V.S. R – Sim! Mas eu sinto falta da Patrícia

E- Quem é Patrícia?

V.S. R – Minha mãe. Eu disse aquele dia pra você, ela nem quer me ver.

E – Você gosta de sua escola?

V.S. R – Sim, gosto muito da escola, da Tia, dos meus amiguinhos.

V.S. R – Depois deixou os bloquinhos de lado e voltou a brincar com a motinha, porém dessa vez sem fazer som nenhum, apenas sentava e levantava, fazia manobras com a motinha. Largou a motinha e pegou o aviãozinho novamente.

Então avisei a ele que o tempo estava acabando.

V.S. R – Tá bom – disse o aprendiz.

V.S. R – Juntou tudo o que tinha pegado e colocou novamente na caixa.

Em seguida despediu-se e ele foi conduzido novamente a sua sala de aula.

### CAPÍTULO 3 - RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO

Depois de aplicar os testes: *Anamnese*, EOCA, Pareja Educativa, EFES, quatro momentos, Meus compleâneos, Entrevista com a professora, Provas Pedagógicas e Psicopedagógicas, percebe-se que a criança possui dificuldades de leitura escrita e matemática.

A análise diagnóstica evidencia obstáculos que diz respeito ao não desejo de aprender (conflito com a cultura) e ao vínculo inadequado obtido pelo aprendente.

V.S. R apresenta obstáculos de aprendizagem epistemológicos, pois ele reporta-se para as poucas coisas de seu interesse e epistemofílico, quanto à insegurança impedindo-o de aprender. Apresenta, também, uma modalidade de aprendizagem em desequilíbrio, sintomatizando uma hiperassimilação e hipoacomodação, por não possuir criatividade (*déficit* lúdico e criativo), dificuldades na internalização de imagens e pobreza de contato com o objeto; Hiperassimilação: sendo a assimilação o movimento do processo de adaptação pelo qual os elementos do meio são alterados para serem incorporados pelo sujeito, numa aprendizagem sintomatizada pode ocorrer uma exacerbação desse movimento, de modo que o aprendiz não resigna-se ao aprender. Há o predomínio dos aspectos subjetivos sobre os objetivos. Esta sintomatização vem acompanhada da hipoacomodação

A análise dos dados obtidos durante atividade realizada revelou que V.S. R teve uma protoaprendizagem pobre, ou seja, o contato com a mãe não foi suficiente para que ele desenvolvesse sua criatividade.

De acordo com os estudos de Jorge Visca, a proto-prendizagem representa as primeiras aprendizagens que acontecem nas relações afetivas da criança com sua mãe. O mundo externo da criança se reduz a mãe ou ao adulto que a substitui. É esse primeiro contato com a mãe que define um “alicerce” para que a criança desenvolva seu conhecimento.

Para Visca (1987) há quatro níveis de aprendizagem: protoaprendizagem (como já foi citado acima), deuteroaprendizagem, aprendizagem assistemática e aprendizagem sistemática.

A deuteroaprendizagem trata-se da concepção de mundo e de vida que se adquire por meio da convivência familiar.

A aprendizagem assistemática se dá pela interação da criança com uma comunidade maior que a família, ou seja, é adquirida fora da escola.

A aprendizagem sistemática é aquela que ocorre dentro da escola, na transmissão de conhecimentos, atitudes e habilidades.

Para ocorrer à aprendizagem, é necessário que a criança percorra os quatro níveis, porém se um nível for prejudicado, os demais também serão prejudicados, dificultando o processo da aprendizagem.

É o caso de V.S. R que teve a protoaprendizagem prejudicada, ou seja, a aprendizagem dos vínculos que se dá principalmente com a mãe ou com a pessoa que a substitui, está baseada nos substratos biológicos, e aprendizagem dar-se-á em forma de condicionamento, a partir dos estímulos biológicos.

Quando a criança não obtém a protoaprendizagem, ou não conseguiu um bom vínculo afetivo com a mãe, sua aprendizagem fica prejudicada.

Observa-se que V.S. R possui um obstáculo epistemológico cultural e epistemofílico, o que dificulta sua aprendizagem.

O obstáculo epistemológico é trabalhado no nível institucional, estudado por Pichon – Rivièrie. A criança / indivíduo se apoia contra qualquer coisa que não oponha a sua concepção de mundo, ou seja, entra em conflito com a cultura. Já o obstáculo epistemofílico refere-se ao vínculo afetivo que o aprendente estabelece com a aprendizagem. Um vínculo inadequado, para Jorge Visca, pode dificultar ou impedir a aprendizagem.

Quanto a seu diálogo, demonstra pobreza de expressão. Percebe-se também, que seus processos de assimilação e acomodação não possuem um equilíbrio. V.S. R tem pobreza de contato com o objeto, déficit lúdico e criativo e dificuldades na internalização de imagens.

Segundo Fernández (1991, p. 110) “[...] a hipoacomodação resulta na pobreza de contato com o objeto, dificuldade na internalização de imagens, a criança sofreu a falta de estimulação ou o abandono”.

O que Fernández nos mostra é que a criança que tem as características de V.S. R possui uma modalidade hiperassimilativa/hipoacomodativa. Concluindo, a HJD revela que V.S. R apresenta problemas quanto a relações vinculares. Apresentando uma hipótese de caráter emocional.

### 3.1 INFORME PSICOPEDAGÓGICO – DEVOLUÇÃO

#### 1 – Dados Pessoais

Aprendente: V.S. R

Data de nascimento: 26/05/03

Idade: 7anos 11meses e 25dias

Escola: E.M.J.B

Ano: 2º

## **2 – Motivo do Encaminhamento**

- Queixa da escola (Professora e/ou Serviços)

A professora relatou que V.S. R é uma criança que se distrai com qualquer estímulo externo, tem dificuldades para memorizar, possui dificuldades na leitura, na escrita e em matemática (por não saber ler, nem contar, executar operações). Ainda segundo a ensinante, a criança possui comprometimento social, motor e cognitivo.

- Queixa da família

A avó paterna relatou que V.S. R é desorganizado com seus pertences.

## **3 – Tempo de investigação**

- Período de avaliação:

05/05/2011 a 28/06/11

- número de sessões:

17sessões

## **4 – Instrumentos usados:**

Instrumentos utilizados para a análise

- *Anamnese*

- EFES – Entrevista Familiar Exploratória Situacional

- EOCA e desenho livre

- Verificação da superação ou não do realismo nominal e entrevista com a professora

- Pareja Educativa

- Provas Pedagógicas (Escrita, ditado, leitura, diagnóstico de leitura, verbalização e matemática)

- Provas Operacionais de Piaget
- Desenho de uma pessoa (figura humana)
- Os quatro momentos da criança
- Dia dos meus compleâneos
- Hora do Jogo Diagnóstico

## **5 – Análise dos resultados nos aspectos:**

- Aspecto afetivo/emocional

Nota-se nos testes que V.S. R possui uma personalidade caracterizada por sentimentos de carência, insegurança. Sintomas de um vínculo afetivo familiar em desequilíbrio, principalmente pela ausência da mãe.

- Aspecto social/cultural

V.S. R vem de uma família de baixa renda, seu pai (pedreiro) estudou até o 4º ano do ensino fundamental e sua mãe não mora com ele (a avó paterna não soube dizer informações a respeito dela na anamnese, pois ela abandonou a criança por motivos desconhecidos por eles), a avó paterna é privada de conhecimentos de determinados conteúdos o que não permite a V.S. R novas elaborações do saber, apresentando também uma pobreza de criatividade.

- Aspecto corporal

Nota-se que V.S. R apresenta pouco equilíbrio corporal, pois às vezes a criança cai da cadeira sem ninguém empurrar ou algo assim (palavras da ensinante de V.S. R), tem dificuldades no manuseio de alguns objetos (cola tesoura). Enfim apresentou uma motricidade pouco independente.

- Cognitivo Pedagógico

A criança tem 7 anos 11 meses e 25 dias, está no 2º ano, não sabe ler, tem dificuldades na escrita, na matemática, seu nível está abaixo de sua faixa etária.

Seu nível de cognição está abaixo do esperado pela série em que se encontra.

## **6 – Síntese dos resultados – Hipótese diagnóstica**

A 1ª hipótese diagnosticada foi de caráter afetivo

A 2ª hipótese diagnosticada foi de caráter cognitivo

A 3ª hipótese diagnosticada foi de caráter afetivo, cognitivo e cultural.

É uma criança que apresenta obstáculos epistemológico cultural e epistemofílico com processos de acomodação e assimilação em desequilíbrio sintomatizando uma modalidade de aprendizagem hiperassimilativa e hipoacomodativa.

## **7 – Recomendações e indicações:**

Recomendo a V.S. R acompanhamento de um psicopedagogo para conseguir identificar onde se originaram as fraturas do seu processo de aprendizagem.

Indico, também, o acompanhamento com um psicólogo para os problemas afetivos, por se mostrar com sentimentos de carência, ausência da mãe e insegurança. Todos estes problemas geraram na criança a falta de criatividade.

Foi possível através deste trabalho compreender a atuação psicopedagógica clínica, a importância dos instrumentos utilizados pelo psicopedagogo, o desenvolvimento de técnicas remediativas, a orientação de pais e professores, a participação da dinâmica das relações educativa a fim de favorecer o processo de integração e troca, e o estabelecimento de contato com outros profissionais. Assim, fica compreendida a importância do profissional da psicopedagogia clínica, sendo este um mediador em todo o processo de ensino-aprendizagem, indo além da simples junção dos conhecimentos da psicologia e da pedagogia.

## REFERÊNCIAS

BOSSA, N. **CEAPP** – Centro de estudos e atendimento psicoterápico e psicopedagógico. Disponível em: <<http://www.psicopedagogianet.com.br/entrevistas-e-imprensa/35-site-conexao-professor.html> >. Acesso em: 12 jul. 2011. São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CARRAHER, T. N. **O realismo nominal como obstáculo na aprendizagem da leitura**. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/421.pdf> > Acesso em: 14 jul. 2011.

CHAMAT, L. S. J. **Diagnóstico psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista**. São Paulo: Vetor, 2004.

DALMAS, K. C. **Desenho livre**. Disponível em: <<http://site.psicopedagogia-sp.com/desenhos-e-diagnosticos.html> > Acesso em: 7 jul. 2011.

FERNÁNDEZ, A. **Inteligência Aprisionada**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1991.

\_\_\_\_\_. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Artmed: São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

KLEIN, M. **O sentimento de solidão: nosso mundo adulto e outros ensaios**. Trad. de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. 3. ed. São Paulo: Icone, 1990.

MORAIS, A. M. P.. **A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura**. São Paulo: Vetor, 1997.

MORAIS, J. **A arte de ler**; tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

OLIVEIRA, G. C. **A avaliação psicomotora à luz da psicologia e da psicopedagogia**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2004.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e objetividade-** Relação entre desejo e conhecimento. São Paulo: Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz- CEVEC, 1996.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RUBINSTEIN, E. R. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar:** entre o saber e conhecer. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SAMPAIO, S. **Diagnóstico psicopedagógico:** o desafio de montar um quebra-cabeça. Disponível em: <[http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos\\_simaia\\_diagnostico.htm](http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos_simaia_diagnostico.htm)>. Acesso em: 7 abr. 2011.

SEBER, M. da G. **Piaget:** o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. São Paulo: Scipione, 1997.

SVARTMAN, B. Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos. **Revista da SPAGESP** v.1. Versão impressa. ISSN 1677-2970.

UNIVERSIDADE DO MINHO. **Estudo de caso.** Mestrado em Educação – Tecnologia Educativa – Métodos de investigação em Educação. Disponível em: <<http://grupo4te.com.sapo.pt/mie2.html>>. Acesso em: 7 jul. 2011.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica** – Epistemologia Convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica** – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 13. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.



## ANEXOS

## Anexo A - Carta de Recomendação

 <p><b>Faculdade Católica de Anápolis</b></p> <p><i>Investindo em conhecimento e valorizando a pessoa humana</i></p>	<p>Res. Decr. 25/07/95 Reconhecimento Renovado pela Portaria Ministerial Nº 589 de 06/09/06 CNPJ : 00 772 442/0001-56 Insc. Mun. 40111 Rua 05, 580, Cidade Jardim CEP : 75080-730, Anápolis – GO Fone: 62 39431048 / 3943-3972 Fax: 3321-1048</p>
---	---

Para: \_\_\_\_\_

Diretor(a) \_\_\_\_\_

### Carta de Apresentação

Vimos pela presente, solicitar de Vossa Senhoria autorização para o(a) aluno(a) \_\_\_\_\_ do Curso de Pós-Graduação de Psicopedagogia, elabore atividades extra-curriculares na sua instituição de ensino, a fim de que possa cumprir as horas do Estágio Supervisionado como exigência para conclusão do curso em questão.

Com nossos antecipados agradecimentos, aproveitamos o ensejo para enviar-lhe nosso protesto de estima e consideração.

Anápolis, 14 de maio de 2011.

 <b>Marisa Roveda</b> Coordenação de Pós Graduação	 <b>Ana Maria Vieira de Souza</b> Professora orientadora Ana Maria Vieira de Souza Psicopedagoga CONSELHO - 07.1554-994200
---	---



Anexo B – Encaminhamento

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

Profª Ana Maria Vieira de Souza

Pedagoga-Psicóloga-Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Estágio Supervisionado em PSICOPEDAGOGIA Clínica

ENCAMINHAMENTO

Estamos encaminhando o ( a ) aluno  
a).....

Nascido (a) em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, regularmente matriculado na \_\_\_ série estando em  
processo de avaliação psicopedagógica e necessita  
de:.....

..... Hipótese Diagnóstica:  
.....

Observações:.....  
.....  
.....

Anápolis, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ 200\_\_.

\_\_\_\_\_  
Ana Maria Vieira de Souza

Pedagoga Psicóloga

Psicopedagoga- Supervisora de

Psicopedagogia

Pós-Graduação em

\_\_\_\_\_  
Psicopedagogia

Aluno Estagiário Estágio Clínico

## Anexo C - Termo de Compromisso do Estagiário

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS**

Psicopedagogia clínica e institucional

## TERMO DE COMPROMISSO DO ESTAGIÁRIO

Eu, \_\_\_\_\_

Aluno (a) de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis Turma ---- Anápolis-Goiás assumo compromisso da realização em estágio supervisionado junto a Católica de Anápolis ao cumprimento que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) totalizando a carga horária de 100 horas, no período de ---, ----de 2011 a -----outubro de 2011 ( descontando-se o período de férias- julho). Ciente de tratar-se de prática curricular obrigatória como garantia à certificação, e que o não cumprimento do mencionado estágio no prazo estabelecido implicará em minha reprovação.

Anápolis, \_\_\_de\_\_\_ 2011

Assinatura \_\_\_\_\_

C.P.F.: \_\_\_\_\_

R.G.: \_\_\_\_\_

## Anexo D– Anamnese

## A- IDENTIFICAÇÃO

Nome do (a) cliente: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Endereço:  
\_\_\_\_\_

Fone: \_\_\_\_\_ Celular: Pai \_\_\_\_\_ Mãe: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

## B- CONSTELAÇÃO FAMILIAR:

Pai:  
\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Local de trabalho: \_\_\_\_\_

Fone: \_\_\_\_\_

Se mora separado da família, endereço: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Local de trabalho: \_\_\_\_\_

Fone: \_\_\_\_\_

Se mora separado da família, endereço: \_\_\_\_\_

## B1 – RESPONSÁVEIS:

Nome:  
\_\_\_\_\_

Grau de parentesco: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

## B2 – IRMÃOS: (citar idade, sexo, escolaridade)

---

---

---

**B3 – PARENTESCO:**

Há parentesco entre os pais? \_\_\_\_\_ Se sim, qual \_\_\_\_\_

Pais casados ( ) Separados ( ) Pai ausente ( ) Motivo \_\_\_\_\_

Mãe ausente ( ) Motivo \_\_\_\_\_

Pais adotivos ( ) Com que idade (da criança) assumiram a guarda?

---

Quais os motivos que levaram a adotar uma criança?

---

---

---

---

**C – CONDIÇÕES DE GESTAÇÃO: (especificar época)**

Gravidez planejada - Sim ( ) Não ( )

Houve: Quedas ( ) Ameaças de aborto ( )

---

Alguma doença? Qual?

---

Uso de medicamentos? Quais

---

Raio X? Com quantos meses?

---

Evolução da gravidez:

Visitas periódicas ao médico? (pré-natal)

---

Adquiriu muitos quilos durante a gravidez?

\_\_\_\_\_

Fumava? \_\_\_\_\_ Bebida alcoólica? \_\_\_\_\_ Quanto copos? \_\_\_\_\_

Ultrassonografia? Quantas

\_\_\_\_\_

Para quê? E Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O bebê mexia muito? Quando?

\_\_\_\_\_

D- CONDIÇÕES DE PARTO:

Prematuro ( ) Com nove meses completo ( ) Bolsa estourou em casa ( )

Local

\_\_\_\_\_

Ao nascer a criança chorou logo?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Parto normal ( ) / Cesáreo ( ) / Demorado ( ) / Rápido ( ) / Forçado ( ) / Com fórceps ( )

E- CONDIÇÕES DO NASCIMENTO:

Cianose (pele azulada/roxa)?

\_\_\_\_\_

Icterícia?

\_\_\_\_\_

Convulsão?

\_\_\_\_\_

Outras dificuldades ocorridas no nascimento

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## F – ALIMENTAÇÃO

Depois de quantas horas de nascido (a) chegou para mamar a primeira vez?

\_\_\_\_\_

Dificuldades para sugar o bico do seio? \_\_\_\_\_

Rejeição ao bico ( )

Rejeição ao leite ( )

Sugou muito forte ( )

Sugou com dificuldade ( )

Adormecia ao seio ( )

Às vezes fazia do bico do seio como se fosse chupeta ( )

Mamava com exagero ( )

Mamava na madrugada ( ) Até o mês \_\_\_\_\_

Fazia vômitos ( )

Prisão de ventre ( ) - muita ( )

Mamou durante quanto tempo? \_\_\_\_\_

Quando começou a comer comidas pastosas? \_\_\_\_\_ E

sucos? \_\_\_\_\_

Quando começou a comer comida de sal?

\_\_\_\_\_

Que tipo de comida? \_\_\_\_\_

inteira ( ) - amassada ( )

Se amassada, porquê?

\_\_\_\_\_

Durante quanto tempo?

\_\_\_\_\_

Qual foi a reação ao receber este tipo de alimento?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

E a da mãe, ao ver a criança aceitando outro alimento que não fosse o leite do seio?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Caso não tenha amamentado ao seio, porquê?

---



---

Mamadeira? Quando? \_\_\_\_\_

## G – DESENVOLVIMENTO

Comportamento: Muito quieto ( ) / agitado ( ) / choro frequente ( ) / calmo ( )

Firmou a cabeça com \_\_\_ meses

1º dentinho com \_\_\_ meses – babou até \_\_\_ meses

Regurgitava? \_\_\_\_\_ quando? \_\_\_\_\_

Sentou-se \_\_\_ meses

Engatinhou \_\_\_ meses

Andou \_\_\_ meses

Falou \_\_\_ anos

Controle das fezes \_\_\_ anos

Controle da urina durante o dia \_\_\_ anos

Controle da urina à noite \_\_\_ anos

Mão que começou a usar com mais frequência D ( ) E ( )

Possíveis primeiras palavras (se lembrar)

---



---



---

Deficiência na fala? Quais?

---



---



---

Convulsões, com ou sem febre? Quantas, quando e por quê? O que foi descoberto?



---



---



---

Doenças? Quais?

---



---



---

Internações? Quantas? Quando? Por quê?

---



---



---

Além da mãe, outras pessoas cuidaram da criança? Quem? Quando? Por quê?

#### H – SONO

Tranquilo ( ) / Agitado ( ) / difícil ( ) / Com interrupções ( ) / Durante o dia ( )

Dorme bem ( ) / Mexe muito ( ) / Resmunga ( ) / Range os dentes ( ) / Fala, grita ( ) / Chora ( ) / Ri ( ) / Sonambulismo ( ) Tem pesadelos, constante ( )

Dorme no quarto dos pais ( )

Precisa de companhia até “pegar” no sono ( )

Levanta-se à noite e passa para a cama dos pais ou irmãos ( )

Tem companhia (irmãos ou babá) que dorme no mesmo quarto ( ) \_\_\_\_\_

#### I – MANIPULAÇÕES

Usou chupeta? ( ) Tempo

---

Chupou/chupa dedo? ( ) Tempo

---

Roeu ou rói unhas? ( ) Quando

---

Arranca cabelos? ( ) Quando

---

Morde os lábios? ( ) Quando

---

Pisca o (s) olho(s) (num gesto de tique)? ( ) Quando

---

Quais atitudes tomadas diante de cada um ou de todos esses hábitos comportamentais?

---



---



---



---



---

#### J – SEXUALIDADE

Curiosidade despertada ( ) Com que idade? \_\_\_\_\_

Masturbação ( ) Com que idade? \_\_\_\_\_

Local: Quarto ( ) Banheiro ( ) Qualquer local ( )

Quando percebeu (ram) este comportamento?

---

Por quê?

---



---



---

Envolve(eu) em jogos sexuais? ( ) / Sozinho(a) ( ) / Com outras crianças ( )

Quando? (descreva a situação)

---



---



---

#### L – SOCIABILIDADE

Quando bebê, ia facilmente com outras pessoas? S ( ) N ( )

Prefere(ria) brincar sozinho? S ( ) N ( )

Larga(va) seus brinquedos para brincar com os brinquedos dos outros? S ( ) N ( )

Aceitava outras crianças brincarem com seus brinquedos? S ( ) N ( )

Recebe (ia) visita de amigos? S ( ) N ( )

Visita(va) casa de amigos? S ( ) N ( )

Mesmo brincando com brinquedos de outras crianças não deixava brincar com os seus? S ( ) N ( )

Aceitava que outra(s) criança(s) assentasse no colo de pessoas conhecidas, como: mãe, avó, pai, babá?

S ( ) N ( )

Adaptava-se facilmente ao meio, com outras crianças? S ( ) N ( )

Faz amigos facilmente? S ( ) N ( )

Tem amigos? S ( ) N ( )

Conserva as amizades? S ( ) N ( )

Atualmente, como está a socialização dele(a), na escola, na família e em outro ambiente? Gosta de sair, ir ao Shopping, em festas, em clubes, enfim, de conviver com outras pessoas e outros ambientes?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Descreva um dia (de 2ª a sábado, quando os adultos estão trabalhando) de seu(sua) filho(a).

---

---

---

---

---

---

---

---



---

---

---

---

Fantasias:

---

---

---

---

---

---

Emoções:

---

---

---

---

---

---

Quando ocorrem demonstrações de:

Carinho: Com quem?

---

---

---

Piedade: De quem?

---

---

---

Raiva/ódio: De quem?

---

---

---

Ciúmes: De quem?

---

---

---

Inveja: De quem?

---

---

---

Amizade: Com quem?

---

---

---

Prefere amigos: Mais velhos ( ) / Mais novos ( ) / Mesma idade ( )

Como são as brincadeiras e as relações afetivas (alegria, tranquilidade, solidariedade, indiferença, imposição e outros...) com amigos?

Mais velhos?

---

---

---

Mais novos?

---

---

---

Da mesma idade?

---

---

---

E quanto aos animais? Possui algum(ns)? Qual (is)?

---

---

---

---

---

---

N – ESCOLARIDADE

Frequentou creche? S ( ) N ( )  
 ) N ( )

Frequentou maternal? S ( ) N ( )  
fazer as tarefas ? S ( ) N ( )

Pré-escola? S ( ) N ( )  
pessoa ajuda nas tarefas?

Mudou muito de escola? S ( ) N ( )

Gosta da escola? S ( ) N ( )

Recebe ajuda para

Os pais, ou outra

Vai bem na escola? S ( ) N ( )

Procura estar em destaque na sala de aula?

Gosta do(s) professor (res)? Por quê?

Se é o primeiro ano neste colégio, procure resumir como foi a primeira semana:

No momento, como ele (a) se encontra na escola, em relação:

Ao colégio?

---

---

---

Aos colegas?

---

---

---

Aos professores?

---

---

---

Às matérias?

---

---

---

A si mesmo?

---

---

---

À família?

Pai:

---

---

---

Mãe:

---

---

---

Irmãos:



---



---



---

O – DOS ADJETIVOS ABAIXO, QUAIS OS QUE APLICAM MELHOR EM SEU(SUA) FILHO(A)?

Atento ( )	Lento ( )	Persistente ( )	Criativo ( )
Observador ( )	Cruel ( )	Critico ( )	Agressivo ( )
Descuidado ( )	Sociável ( )	Curioso ( )	Mimado ( )
Cauteloso ( )	Sensível ( )	Desinteressado ( )	Inseguro ( )
Cuidadoso ( )	Rápido ( )	Inquieto ( )	Carinhoso ( )
Impetuoso ( )	Ativo ( )	Introspectivo ( )	Chorão ( )
Indiferente ( )	participativo ( )	Teimoso ( )	Independente ( )
Preocupado ( )	Interessado ( )	Submisso ( )	Dissimulado ( )
Asseado ( )	Esperto ( )	Mandão ( )	

## Anexo E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Profissional: Ana Maria Vieira de Souza. Pedagoga-Psicóloga-Psicopedagoga**

**Estagiário:** \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar do **Processo de Atendimento Psicopedagógico**, cujo objetivo central é o de atender o participante oferecendo acompanhamento psicopedagógico e intervenção psicopedagógicas.

Estou ciente de que terei atendimento psicopedagógico durante as sessões, submetendo-me a atividades de testes, entrevistas, e observações por parte do estagiário de psicopedagogia. Reconheço que tenho o direito de fazer perguntas que julgar necessárias. Entendo que minha participação é voluntária e que poderei me retirar do processo a qualquer momento.

Os profissionais se comprometem a manter em confidência toda e qualquer informação que possa me identificar individualmente quando da apresentação de resultados deste trabalho às pessoas interessadas.

Anápolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Profissional Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Aluno Responsável

## Anexo F - 1º Sistema de hipótese

Curso de Pós-Graduação em PSICOPEDAGOGIAEstágio supervisionado**SISTEMA DE HIPÓTESES**

Aprendente:

\_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_

Aluno(a) (estágio) \_\_\_\_\_ ANEXO Nº \_\_\_\_\_

**1º SISTEMA DE HIPÓTESES**

<b>DIMENSÃO COGNITIVA</b>	<b>LINHA DE PESQUISA</b>
<b>DIMENSÃO AFETIVA</b>	<b>LINHA DE PESQUISA</b>

**1º SISTEMA DE HIPÓTESES**

<b>DIMENSÃO FUNCIONAL</b>	<b>LINHA DE PESQUISA</b>



## Anexo G - 2º Sistema de hipótese

Curso de Pós-Graduação em PSICOPEDAGOGIAEstágio supervisionado**SISTEMA DE HIPÓTESES**

Aprendente:

\_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_

Aluno(a) (estágio) \_\_\_\_\_ ANEXO Nº \_\_\_\_\_

**2º SISTEMA DE HIPÓTESES**

<b>DIMENSÃ COGNITIVA</b>	<b>ANAMNESE</b>
<b>DIMENSÃO AFETIVA</b>	<b>ANAMINESE</b>

**2º SISTEMA DE HIPÓTESES**

<b>DIMENSÃ FUNCIONAL</b>	<b>ANAMINESE</b>



## Anexo H – 3º Sistema de hipótese

Curso de Pós-Graduação em PSICOPEDAGOGIAEstágio supervisionado**SISTEMA DE HIPÓTESES**

Aprendente:

\_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_

Aluno(a) (estágio) \_\_\_\_\_ ANEXO Nº \_\_\_\_\_

**3º SISTEMA DE HIPÓTESES**

<b>DIMENSÃO COGNITIVA</b>	<b>ANAMNESE</b>
<b>DIMENSÃO AFETIVA</b>	<b>ANAMINESE</b>

**3º SISTEMA DE HIPÓTESES**

<b>DIMENSÃO FUNCIONAL</b>	<b>ANAMINESE</b>





Anexo I - ASPECTOS EMOCIONAIS/ AFETIVOS; COGNITIVOS/PEDAGÓGICOS E SOCIAIS

Nome do (a) Aprendiz: V.S. R  
meses

Idade: 7anos e 11

Série: 2º

ano

NOME DA ESCOLA: E.M.J.B

ENSINO: Fundamental

PROFESSORA: F.A

(Favor marcar, com um círculo, o sinal que indica como o aprendiz se apresenta no momento).

SINAL

CORRESPONDE:

-	—————>	não apresenta
+	—————>	apresenta ocasionalmente
++	—————>	apresenta freqüentemente
+++	—————>	apresenta muito

**ASPECTOS EMOCIONAIS E AFETIVOS**

Hiperatividade:

Não para quieto durante a explicação do (a) professor (a).....(.)+ ++ +++

Não para quieto durante a explicação de tarefas.....(.)+ ++ +++

Dispensão (distrai-se com qualquer estímulo externo).....- + (++) +++

Inabilidade nas atividades motoras (desenhar, cortar, amarrar).....-(+)+ ++ +++

Inabilidade nas atividades motoras globais (esportes, ginásticas).....- + ++ (+++)

Problemas de fala (troca de fonemas).....-(+)+ ++ +++

Problemas de fala (gagueira).....	⊖ + ++ +++
Problemas de fala (fala alto mesmo estando próximo do ouvinte).....	⊖ + ++ +++
Problemas de fala (troca de fonemas e gagueira).....	⊖ + ++ +++
Tiques de qualquer tipo (piscar, barulhos com a boca).....	⊖ + ++ +++
Demonstra interesse diante de situações novas.....	- ⊕ ++ +++
Desastrado/Desajeitado (tropeça, derruba coisas).....	- + ⊕ ++ +++
Intolerância a frustrações (ansioso ou negativista com suas falhas).....	⊖ + ++ +++
Agressividade c/ colegas.....	- ⊕ ++ +++
Agressividade c/ adultos (profs.).....	⊖ + ++ +++
Agressividade c/ objetos e/ou animais.....	⊖ + ++ +++
Timidez com os colegas.....	⊖ + ++ +++
Timidez com os adultos.....	⊖ + ++ +++
Choro.....	⊖ + ++ +++
a) freqüente.....	.....
b) quando e por quê? .....	.....
Crises de birras.....	⊖ + ++ +++
Quando e por quê? .....	.....
Auto-estima: sempre rebaixada.....	⊖ + ++ +++
Sempre em alta.....	⊖ ..... - + ++
+++	

### ASPECTOS COGNITIVOS/PEDAGÓGICOS

Dificuldade no aprendizado (não acompanha a classe)..... ⊕ ++ +++

### ESCRITA:

a) troca, inversão, acréscimo ou omissão de letras(sublinhe).....	⊕ ++ +++
b) disgrafia (letra feia, trêmula).....	⊖ + ++ +++
c) números malfeitos, sem ordem.....	⊖ + ++ +++
d) escreve fora da pauta (entre as linhas).....	⊕ ++ +++
e) escreve fora da pauta (sobe/desce linha).....	⊕ ++ +++
f) escreve, com facilidade, as palavras ditadas (não pede para repetir, nem fica pronunciando-as baixo).....	- ⊕ ++ +++
g) caderno sujo, rasgado (tanto a apagar).....	⊖ + ++ +++

LEITURA:

- a) troca, inversão, acréscimo ou omissão de letras (sublinhe).....⊕ ++ +++
- b) inventa palavras ou sinônimos.....⊖ + ++ +++
- c) leitura sem ritmo, pontuação, pressa.....⊖ + ++ +++
- d) oralidade (leitura fluente, mesmo com texto desconhecido).....⊖ + ++ +++
- e) material para leitura próximo aos olhos.....⊕ ++ +++
- f) linguagem favorável para expressar idéias, desejos, sentimentos e interesse (vocabulário rico).....⊖ + ++ +++

RACIOCÍNIO LÓGICO-MATEMÁTICO:CÁLCULO:

- a) dificuldade no aprendizado da aritmética.....⊕ ++ +++
- b) troca o algarismo.....⊕ ++ +++
- c) é capaz de seriar, ordenar e classificar.....⊖ + ++ +++
- d) associa/agrupa.....⊕ ++ +++
- e) reparte/separa/exclui.....⊕ ++ +++
- f) opera com facilidade.....⊖ + ++ +++
- g) dispensa recurso (material concreto) para cálculos (mentais e/ou de registros).....⊖ + ++ +++

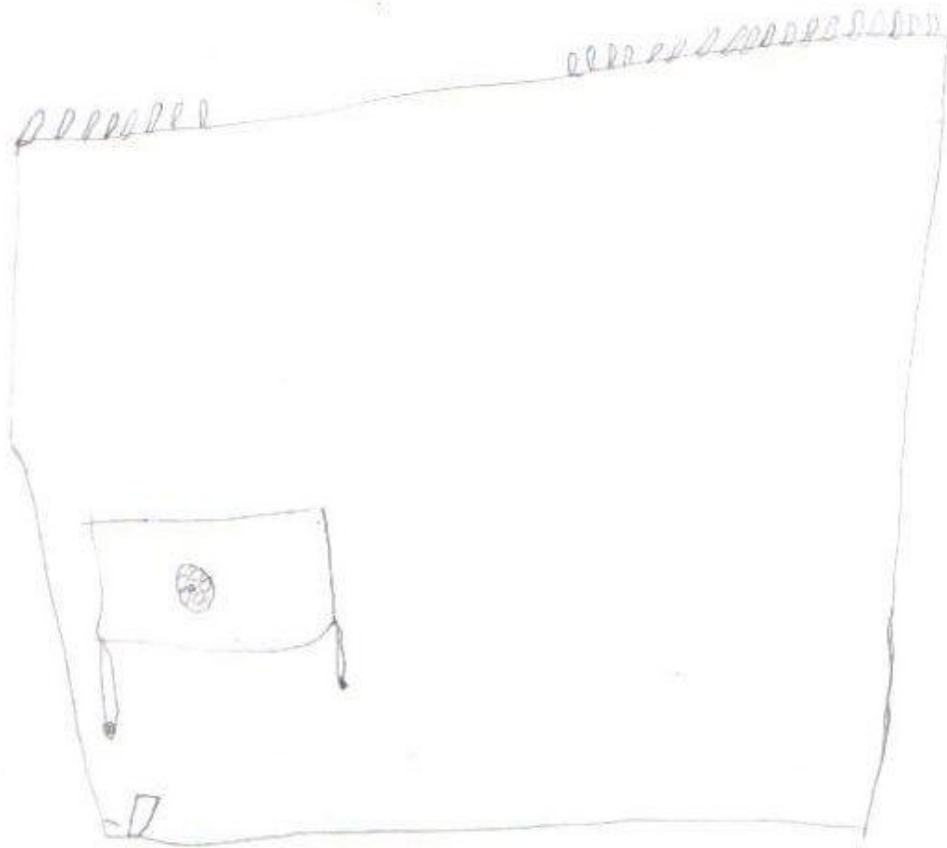
**ASPECTOS SOCIAIS (SOCIABILIDADE)**

- a) sabe cuidar e proteger-se diante de situações de perigo.....⊖ + ++ +++
- b) participa das atividades de grupos (em classe).....⊕ ++ +++
- recreio.....- + ++ +++
- Horário  do
- c) impõe suas idéias.....- + ++ +++
- d) ouve as idéias do colega.....⊕ ++ +++
- e) prefere fazer o que é sugerido pelo grupo, nunca discutindo o que desejaria fazer.....⊕ ++ +++
- f) guarda segredos.....⊕ ++ +++
- g) está sempre contando o que os outros estão fazendo.....⊖ + ++ +++
- h) suas amizades são de preferências, com crianças: do mesmo sexo.....⊕ ++ +++
- 
- Maiores.....- + ++ +++
- 
- Menores.....- + ++ +++

- i) suas brincadeiras são aceitas pelos colegas.....☹ + ++ +++  
j) aceita sugestões de outras brincadeiras.....☺ ++ +++  
l) percebe a realidade e responde a ela, adequadamente.....☹ + ++ +++  
m) motiva os colegas (situações de sala de aula e fora dela).....☹ + ++ +++

**ESCREVA OUTRAS INFORMAÇÕES QUE JULGAR NECESSÁRIAS:**

Anexo J - EFES

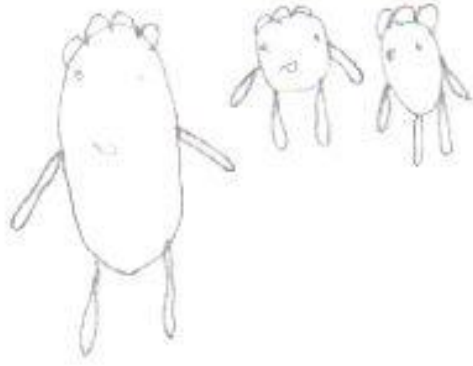


Anexo K - EOCA

---



NESTA ÁLIA  
ANGOLA  
BRASIL  
AMÉRICA

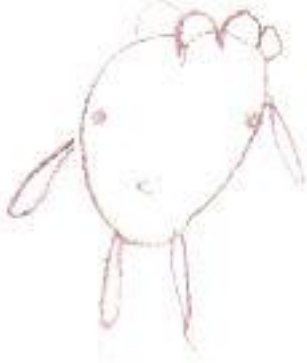


Anexo L - Pareja Educativa





## Anexo M - Os quatro momentos do meu dia



Victor







Anexo N - Dia dos meus *compleânios*





## Anexo O - Provas Piagetianas

**Conservação das quantidades de líquidos (Transvasamento) – prova nº 2**

Material – dois vidros iguais (controle A e A1) de diâmetro de aproximadamente 5 cm e altura de 8 cm; um vidro mais estreito e mais alto (vidro E), um vidro mais largo e mais baixo (vidro L), quatro vidrinhos iguais correspondentes a  $\frac{1}{4}$  do volume de A e uma garrafa com água colorida.

**Desenvolvimento:**

(E) Olá V.S. R, hoje vamos fazer uma prova com esses vidrinhos.

R: \_\_\_\_\_

(E) Aqui temos dois vidrinhos (A e A1). Se você beber o que está em A1 e eu o que está em A (nesse aqui), será que vamos beber a mesma coisa? Temos o mesmo para beber?

R: \_\_\_\_\_

**1º transvasamento**

Despeja-se a água de A no vidrinho E (estrito e alto).

(E) Será que agora vamos beber a mesma quantidade? Um tem mais do que o outro? Como é que você sabe? Pode me mostrar?

R: \_\_\_\_\_

(E) Aqui no vidrinho E está mais alto... Uma criança me disse que tinha mais água nele porque ele é mais alto, o que você acha?

R: \_\_\_\_\_

**2º transvasamento**

Despeja-se água de A em L

(E) E agora qual dos dois vidrinhos tem mais água? Como é que você sabe?

R: \_\_\_\_\_

(E) Agora me mostre qual o vidrinho mais largo.

R: \_\_\_\_\_

Observação:

---

---

---

### **Conservação do comprimento – prova nº 4**

Material – Dois fios flexíveis (barbantes, lãs, correntinhas etc.) de comprimentos diferentes (cerca de 10 e 15 cm).

(E) Aqui temos duas estradas, estrada A e estrada B. Nesta estrada (A) a gente tem que andar a mesma coisa que nesta (B) ou tem que andar mais aqui (A) ou ali (B)?

R: \_\_\_\_\_

(E) Este caminho A é do mesmo comprimento do que este (B), ele é mais comprido ou menos comprido que este (B)?

R: \_\_\_\_\_

(E) Deformei o fio maior (A) até que as extremidades coincidissem com as do fio B, e perguntei: - se há duas formiguinhas, uma em cada estrada, será que as duas vão andar a mesma coisa, o comprimento da estrada será o mesmo?

R: \_\_\_\_\_

(E) Fiz curvas no fio A, de modo que ficasse uma diferença entre uma das extremidades dos dois fios (B), e fiz a mesma pergunta: - e agora qual das duas estradas é maior?

R: \_\_\_\_\_

Observação:

---



---

---

### **Mudança de critério (Dicotomia) – prova nº 7**

Material: fichas de figuras geométricas recortadas em papelão colorido ou fichas de plástico do tipo feito para jogo: seis círculos de diâmetro de 25 mm (pequenos) vermelhos e seis azuis; seis círculos de diâmetro de 50 mm (grandes) vermelhos e seis azuis; seis quadrados de 25 mm de lado (pequenos) vermelhos e seis azuis; seis quadrados de 50 mm de lado (grandes) vermelhos e seis azuis; um papelão (tampa de caixa) dividido em duas partes ou duas caixas baixas iguais.

**Desenvolvimento:** O examinador (E) coloca as fichas em desordem sobre a mesa e pede que a criança as descreva.

(E) O que você está vendo?

R: \_\_\_\_\_

(E) Bom! Agora reúnam em grupos todas estas fichas para que possa formar grupos de iguais.

R: \_\_\_\_\_

(E) Como você pensou para organizar desse jeito?

R: \_\_\_\_\_

(E) Agora faça dois grupos usando todas as fichas.

R: \_\_\_\_\_

(E) Apontando para o primeiro grupo disse: Como você pensou para organizar desse jeito?

R: \_\_\_\_\_

(E) Apontando para o segundo grupo: como você pensou para organizar este?

R: \_\_\_\_\_

(E) Primeiro grupo: como poderia chamar este grupo?

R: \_\_\_\_\_

(E) Segundo grupo: E este outro grupo como poderia chamar?

R: \_\_\_\_\_

### **1ª mudança de critério**

(E) Faça dois montes de outro jeito

R: \_\_\_\_\_

(E) Como você pensou para organizar desse jeito?

R: \_\_\_\_\_

(E) Como poderia chamar este grupo (aponte para os círculos)?

R: \_\_\_\_\_

(E) E este outro (aponte para os quadrados)?

R: \_\_\_\_\_

### **2ª mudança de critério**

(E) Faça dois montes de novo de outro jeito (se fizer do mesmo jeito que os anteriores, explique porque e mude o critério).

R: \_\_\_\_\_

(E) Como você pensou para organizar desse jeito?

R: \_\_\_\_\_

(E) Como poderia chamar este grupo?

R: \_\_\_\_\_

(E) E este outro grupo como poderia chamar?

R: \_\_\_\_\_

Observação:

---



---



---

### Quantificação da inclusão de classes – prova nº 8

Material: um ramo com dez margaridas e duas ou três rosas.

**Desenvolvimento:** o examinador (E) verifica se a criança conhece o nome das flores e se conhece o termo genérico “flores”.

(E) Hoje trouxe esse material para que você faça uma prova para mim.

R: \_\_\_\_\_

(E) Solicitei que reconhecesse as flores e as nomeasse

R: \_\_\_\_\_

(E) Rosas são flores?

R: \_\_\_\_\_

(E) Você conhece outras flores? Quais?

R: \_\_\_\_\_

(E) Neste ramo há mais margaridas ou mais flores? Como você sabe?

R: \_\_\_\_\_

(E) Vamos imaginar que existem duas crianças que querem fazer ramos. Uma fez um ramo com margaridas e a outra faz um ramo com flores. Qual o ramo que tem mais flores?

R: \_\_\_\_\_

(E) se eu te der as margaridas, o que sobra no meu ramo?

R: \_\_\_\_\_

(E) Eu vou fazer um ramo com todas as margaridas e você vai fazer um ramo com todas as flores. Quem terá o ramo maior? Como você sabe?

R: \_\_\_\_\_

Observação:

---



---



---

### Intersecção de classes – prova nº 9

**Material:** três espécies de fichas do mesmo material e tamanho, sendo: cinco redondas vermelhas, cinco redondas amarelas e cinco quadradas amarelas; uma folha de papelão com dois círculos desenhados, um preto e outro azul que se inter cruzam delimitando três partes, das quais uma é comum aos dois círculos.

**Desenvolvimento:** o examinador (E) dispõe as fichas nos círculos em intersecção, sendo as redondas vermelhas e as quadradas amarelas nas partes exteriores e as redondas amarelas nas partes comuns. Pede que a criança observe a disposição descreve as fichas e pergunta: “Por que você acha que eu pus as redondas amarelas no meio?”

(E) Solicitei que reconhecesse o material, nomeasse e caracterizasse.

R: \_\_\_\_\_

(E) Por que você acha que colocamos estas fichas aqui no meio?

R: \_\_\_\_\_

(E) Existem aqui mais fichas quadradas ou fichas redondas, ou um número igual de fichas?

R: \_\_\_\_\_

(E) Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas quadradas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me

R: \_\_\_\_\_

(E) Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas redondas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me

R: \_\_\_\_\_

Observação: O aprendiz V.S. R encontra-se no nível 2, ou seja, a criança faz acertos nas perguntas suplementares, mas hesita nas respostas de inclusão e intersecção, faz repetições e pode dar algumas respostas corretas.

Observação:

---

---

---

## Anexo P – Controle de Frequência

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS**  
**PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL Anápolis-GO**  
**Estágio de aperfeiçoamento profissional PSICOPEDAGOGIA**  
**Controle da frequência do aluno nas atividades de campo**

**1. IDENTIFICAÇÃO DO ESTÁGIO**

ESTÁGIO PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA	
--------------------------------	--

**Campo de Estágio**

--

**Nome do professor-supervisor**

ANA MARIA VIEIRA DE SOUZA
---------------------------

**Nome do profissional de campo**

--

**Nome do estagiário**

--

**2. FREQUENCIA NAS ATIVIDADES DE CAMPO**

Data	Carga-horária	Atividade desenvolvida	Assinatura (* <sup>1</sup> )

(\*<sup>1</sup>) A assinatura da frequência de atividades de campo seguirá o seguinte procedimento:

**Estágios em instituições conveniadas:** O Gestor da instituição, responsável pelas atividades de campo do aluno, assinará a frequência das atividades.